

# Convergência

Novembro e Dezembro • 2023 • ANO LVIII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc  
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap  
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic  
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm  
Ir. Edgar Nicodem, fsc  
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts  
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva  
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br  
www.crbnacional.org.br  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

<b>EDITORIAL.....</b>	<b>5</b>
<b>ARTIGOS .....</b>	<b>9</b>
Tudo começou com “os discípulos do caminho” <i>Ir. Sueli Bellato .....</i>	<i>9</i>
Memória de criatividade sinodal da VRC na História da Igreja <i>Fr. Luiz Carlos Susin</i> <i>Fr. Rubens Nunes da Mota .....</i>	<i>17</i>
A sinodalidade e os carismas <i>Zuleica Aparecida Silvano .....</i>	<i>23</i>
Por um amanhã mais sinodal <i>Ir. Silvânia Aparecida Coelho</i> <i>Ir. Teresinha Mendonça Del’Acqua .....</i>	<i>31</i>
A Vida Religiosa Consagrada (VRC) no estilo sinodal, ferida com práticas anti-sinodais <i>Ir. Teresinha Mendonça Del’Acqua .....</i>	<i>37</i>
A <i>Memoria Iesu</i> : o sol da Igreja em tempos de crise e sempre <i>Pe. Vinícius Augusto Teixeira .....</i>	<i>49</i>
A crise na formação da Vida Religiosa Consagrada <i>Cleyson Fellipe .....</i>	<i>65</i>
A Formação Inicial em analogia com a Iniciação à Vida Cristã: algumas considerações e implicações <i>Frei Adriano Borges de Lima .....</i>	<i>75</i>
Missão, Comunidade e Sinodalidade <i>Irmã Valmi Bohn .....</i>	<i>85</i>

Seminário Latinoamericano e Caribenho de Irmãos  
Religiosos: *hacia lo esencial del seguimiento de Jesús  
y la centralidad de la relacionalidad humana*

*Irmão Marcos Divino do Amaral ..... 95*

A 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB convidou os religiosos e as religiosas a “ressignificar a Vida Religiosa Consagrada no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão, à luz da Palavra”. Tanto o horizonte quanto as prioridades estabeleceram importantes pautas para o triênio. Além de aspectos práticos e organizacionais, é importante que o horizonte e as prioridades sejam dinamizados como elementos norteadores da vida e missão dos consagrados e consagradas.

Entre as diversas formas de aprofundar o horizonte e as prioridades do triênio, a Equipe Interdisciplinar, com a colaboração de outros religiosos/as, está elaborando e vai publicar uma série de reflexões, considerando os eixos das prioridades: discipulado, sinodalidade e missionariedade.

O primeiro conjunto de artigos a ser publicado será sobre Sinodalidade e Vida Religiosa Consagrada. O Papa Francisco afirma que “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Trata-se de

uma afirmação tanto programática quanto desafiadora. Desde os primeiros momentos de seu pontificado, o Papa Francisco manifestou através de palavras, gestos e iniciativas o sonho de uma Igreja sinodal em saída missionária.

O caminho sinodal é uma oportunidade para recuperar e aprofundar a autêntica experiência de fé do Povo de Deus através de uma expressão viva de ser Igreja, marcado pela participação, incluindo as questões estruturais, constituindo-se uma autêntica experiência de fé. Por um lado, percebe-se alegria e entusiasmo com a perspectiva sinodal, por outro, há resistências de grupos que lançam mão das mais variadas estratégias para manter o “status quo”.

O sonho do próximo Sínodo é promover “uma Igreja cada vez mais sinodal também em suas instituições, estruturas e procedimentos, para constituir um espaço em que a comum dignidade batismal e corresponsabilidade na missão não somente sejam afirmadas, mas exercidas e praticadas” (*Instrumentum Laboris*,

21). Inegavelmente, a aposta no Sínodo é alta. O desejo é tocar a vida da Igreja Povo de Deus em todas as suas dimensões.

Pensar uma Vida Religiosa Consagrada fora do contexto da sinodalidade seria algo estranho ao Evangelho. Historicamente, no seguimento de Jesus Cristo, os religiosos e religiosas configuraram inúmeras experiências de sinodalidade, sendo inovadores em momentos cruciais da vida eclesial. A VRC tem muito a contribuir e receber do processo sinodal. Desde as origens há muitas experiências de sinodalidade na Vida Religiosa: assembleias, capítulos, modelos de gestão partilhada, protagonismo de leigos, delegação de responsabilidades e outras experiências que podem enriquecer as práticas sinodais da Igreja e repercutir positivamente nas ordens, congregações e institutos de VRC. Configurar uma Igreja sinodal, como lugar aberto, onde todos se sintam em casa, e possam efetivamente participar e ser protagonistas é um dos grandes desafios do Sínodo e da Igreja atual.

Com o objetivo de aprofundar o eixo da sinodalidade, oferecemos nesta edição cinco textos. Cada um deles é relativamente curto para que possa ser lido, pessoal ou comunitariamente, refletido, meditado, rezado e partilhado em

comunidade. No final de cada artigo há um conjunto de perguntas para aprofundamento e partilha.

O primeiro texto convida-nos a fazer memória da rica e significativa experiência do Concílio Vaticano II, desencadeada pelo Papa João XXIII. A Irmã Sueli Belatto, com sensibilidade e maestria, destaca elementos do contexto sociocultural e eclesial que são importantes para compreender o itinerário do Concílio Vaticano II. O Concílio Vaticano II continua sendo o referencial indispensável para retomar e avançar na Sinodalidade.

No segundo, os freis Luiz Carlos Susin e Rubens Nunes da Mota, convidam os religiosos (as) a fazer memória da criatividade sinodal da VRC na história da Igreja. Começando com os tempos apostólicos até os nossos dias, eles nos convidam a descobrir, em cada período, como a VRC, com criatividade, soube forjar experiências de sinodalidade, sendo muitas delas inovadores. Considerando esse rico percurso histórico, o convite que nos fazem os autores é de criar e não lamentar.

O terceiro artigo, da Irmã Zuleica Aparecida Silvano, é sobre Sinodalidade e Carismas. A partir de uma acurada análise exegetica da tradição paulina e de Lucas a autora desvela práticas

sinodais do Novo Testamento. Os dons partilhados (sabedoria, fé, profecia, cura...) constroem comunidade. Além disso, a sinodalidade acentua a solidariedade, pois onde “um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é glorificado, todos os membros regozijam-se com ele” (1Cor 12,26).

A perspectiva de um itinerário mais sinodal é a proposta do quarto artigo escrito pelas Irmãs Teresinha Mendonça Del’Acqua e Sylvania Aparecida Coelho. O período que estamos vivendo requer uma VRC nova como resposta aos clamores atuais. A construção de uma Vida Religiosa Sinodal é um caminho profético que oferece grandes possibilidades. Enveredar pelo caminho sinodal na VRC é expressar-se com amor, gratuidade, misericórdia, perdão, inclusão, alegria e humanidade. Assumir esse itinerário eclesial é participar de todo coração da proposta de uma Igreja Sinodal em Saída Missionária proposta pelo Papa Francisco.

O quinto e último texto desta reflexão é da Irmã Teresinha Mendonça Del’Acqua sobre *Vida Religiosa Consagrada: sinodalidade e anti-sinodalidade*. Com sensibilidade a Irmã Teresinha vai mostrando como paulatinamente a Igreja, e a própria vida

VRC, foram se afastando da vivência sinodal. As consequências da antissinodalidade foram funestas. O insistente convite é avançar na aprendizagem e vivência do estilo sinodal, tanto na abrangência quanto na profundidade, com a transformação de paradigmas, práticas e estruturas.

O Sínodo para a Amazônia afirma que para caminhar juntos é necessária uma conversão sinodal. Uma conversão que em primeiro lugar é obra do Espírito que convoca todo o Povo de Deus à comunhão, participação e buscar novos caminhos eclesiais, especialmente de ministerialidade e sacramentalidade. Entre os protagonistas, o Sínodo destaca a vida consagrada, os leigos e as mulheres. Esperamos que os textos que estão sendo disponibilizados possam contribuir para que, como religiosos e religiosas, possamos assumir o protagonismo que nos pede o Sínodo para a Amazônia e a nossa última Assembleia Geral Eletiva.

Para completar o conjunto desta edição, quatro outros artigos nos ampliam o horizonte. Pe. Vinícius Augusto Teixeira convida a deixarmos-nos iluminar pela *Memoria Iesu*, o sol que ilumina o caminhar da Igreja e da VRC.

Na sequência, dois textos sobre formação para a VRC. No pri-

meiro, o salesiano Cleyson Fellipe aponta alguns sintomas, causas e possíveis terapias para essa realidade tão fundamental em nosso modo de vida. No texto seguinte, o frade capuchinho Frei Adriano Borges de Lima propõe o modelo da Iniciação à Vida Cristã como iluminar para nossos processos formativos.

Depois da formação, a missão é tema do texto de Irmã Valmi Bohm, assessora para o Setor de Missão da CRB Nacional. Ela nos apresenta algumas reflexões e constatações que, da prática, surgem para os/as que queremos pensar e viver a missão na intercongregacionalidade, uma realidade cada vez mais presente e que é, sem dúvida, um caminho de futuro para a VRC no Brasil.

Esta edição é concluída com um relato afetivo apresentado por Irmão Marcos Divino do Amaral sobre sua experiência no Seminário Latino-americano e Caribenho

de Religiosos Irmãos que aconteceu em julho passado, em Quito, no Equador.

A extensão deste editorial – um pouco maior que o normal! – deve-se ao fato de ter sido escrito a quatro mãos. O projeto e a elaboração deste número da Revista Convergência foram feitos e executados pela Equipe Interdisciplinar e pelo Setor de Publicações. Esperamos que esta longa introdução os/as motive para a leitura e, sinodalmente, cresçamos no nosso compromisso e prática de uma VRC e de uma Igreja em que todas as mãos trabalhem juntas para o mesmo fim que é o Reino de Deus.

*Ir. Edgar Genuino Nicodem fsc*  
Coordenador da Equipe  
Interdisciplinar

*Fr. Vanildo Luiz*  
*Zugno, OFM Cap.*  
Editor Revista Convergência



## TUDO COMEÇOU COM “OS DISCÍPULOS DO CAMINHO”

Ir. Sueli Bellato<sup>1</sup>

### O acesso para o Sínodo passa pelo Concílio Vaticano II

O Papa João XXIII convocou o Concílio Vaticano II e convidou à Igreja a ouvir a Palavra de Deus. Eleito em 28 de outubro, o Papa João XXIII assumiu o papado em 4 de novembro de 1958. Em 11 de outubro de 1961, ao convocar Concílio Vaticano II, o papa São João XXIII emitiu uma de suas frases que atravessou, e segue atravessando os tempos: “a Igreja deve abrir portas e janelas para tirar o cheiro de mofo”. A pergunta que podemos nos fazer: “Onde o Papa, filho do povo, que foi chamado para substituir o Papa Pio XII que esteve à frente da Igreja por mais de 20 anos, identificou o mofo?”

Descrevem os dicionários de língua portuguesa que o mofo decorre de ambientes com portas fechadas, falta de circulação de ar e luminosidade, favorecendo a proliferação de fungos. Esta ilustração remete a descrição verificada pelo Papa João XXIII. Preocupado em retomar a fidelidade ao projeto de Jesus, o Papa Bom, identificou obstáculos a realização do projeto missionário e não foi poupado de incompreensões e sofrimentos.

Sua vivência em cargos diplomáticos, visitador na Bulgária, na Grécia, na Turquia e Nuncio Apostólico na França, marcada pelo apelo a favor da construção da paz e com o diálogo universal certamente contribuiu para a orquestração de evento do século,

---

<sup>1</sup> Religiosa da Congregação de Nossa Senhora- Cónegas de Santo Agostinho, Mestra em Direitos Humanos. Coordenadora regional da CRB Brasília. Endereço para contato: bellatosueli@gmail.com

como foi considerado o Concílio Vaticano II.

A década de 1950-1960 introduziu acontecimentos que, em muito, impactaram a sociedade, grandes avanços científicos e tecnológicos e mudanças culturais e comportamentais, foi a época de importantes descobertas científicas como o ADN (Ácido Desoxirribonucleico, ou DNA). Foi a década em que começaram as transições de televisão, provocando uma grande mudança dos meios de comunicação. No campo da política internacional, os conflitos entre os blocos capitalistas e socialistas (guerra fria) ganhava cada vez mais força. 1959 acontece a revolução cubana e começa as guerras do Vietnã. Urgia uma mudança de postura também da Igreja.

As mensagens e participações do Papa João XXIII contribuíram para a importância de conversão do olhar e do agir de toda a Igreja.

João XXIII procurou promover a modernização da Igreja, determinando sua independência em relação aos poderes estabelecidos e divulgou a ideia segundo a qual a igreja devia intervir construtivamente em assuntos políticos, econômicos e sobretudo sociais.

Os problemas mundiais, as ruínas e a devastação acumuladas durante a guerra, a propagação da miséria em certas regiões, as

epidemias favorecidas pela subnutrição, sem mencionar os problemas permanentes colocados pelo crescimento constante da população mundial foram temas tratados pelo Papa João XXIII durante seu governo, como o da *X Conferência Geral da FAO*, realizada em 10 de novembro de 1959. Os desafios apontados não seriam exclusivos para os participantes da Conferência, mas também para a Igreja. O apelo para trabalhar para a paz sempre foi recorrente nas falas do Papa.

Na noite de 11 de outubro de 1958, da sua janela para a janela do mundo, por ocasião da abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII comoveu gerações de cristãos e não cristãos, num pronunciamento de improviso e cheio de ternura:

"Voltando para casa, vocês vão encontrar as crianças. Façam uma carícia nos seus filhos e digam: esta é a carícia do papa. Vocês vão encontrar algumas lágrimas para enxugar. Digam uma palavra boa: o papa está conosco, especialmente na hora da tristeza e da amargura". Era o célebre "Discurso da Lua" que Roncalli proferiu de improviso, enquanto o clarão da lua iluminava a multidão reunida na Praça de São Pedro (SÃO JOÃO XXIII..., 2023).

## Conversão Eclesial permanente

Ao tornar público o anúncio da convocação do Concílio Vaticano II o Papa indicou o chamado à conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo:

Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. (...) A Igreja peregrina é chamada por Cristo à esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma». Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem fidelidade da Igreja à própria vocação», toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo. (EG, 26). (ARPEN, 2022).

Conhecedor das resistências e até mesmo oposições às mudanças, o Papa João XXIII cuidou de semear em bom terreno, onde *o solo ácido ou os espinhos* não impedissem o nascimento da boa semente.

Quem relata as atitudes prudentes do Papa João XXIII é Guido Gusso, “ajudante de quarto”

que o acompanhou naquele 25 de janeiro de 1959, por ocasião do anúncio da convocação do Concílio. Em entrevista ao Observatório Romano, guardado em vídeo, o senhor Guido revelou que o anúncio e a dinâmica adotada pelo Papa de convocação do Concílio era para que a Igreja do Séc. XX não se omitisse do necessário diálogo com o mundo que mudava. E prosseguiu: “o Papa João XXIII guardou em segredo para que nada e ninguém o dissuadissem de tamanha missão inspirada e acompanhada todo o tempo pelo Espírito Santo”. (HÁ 60 ANOS..., 2019);

Guido foi também perspicaz no reconhecimento do mérito de outros dois Papas: Paulo VI, que sucedeu ao Papa João XXIII e deu prosseguimento aos trabalhos do Concílio e, um outro, chegado “do fim do mundo” o argentino Jorge Bergoglio, o Papa Francisco, que chegou para valorizar e dar impulso ao grande Concílio.

O Papa João XXIII, ao convocar o concílio, “falava de uma atualização, ou melhor ainda, de uma ventilação que dispersasse o mofo acumulado ao longo dos séculos” (ARPEN, 2022)

Assim, de 11 de outubro de 1962 a 8 de dezembro de 1965, o colégio de cardeais teve a oportunidade de conferir o “estado da

arte” e buscar profeticamente novos ares.

O Concílio Vaticano II produziu duas Constituições Dogmáticas: a *Dei Verbum* (Sobre a Revelação Divina) e a *Lumen Gentium* (Sobre a Igreja). Também ofereceu à toda Igreja duas Constituições Pastorais Conciliares: a *Sacrosanctum Concilium* (Sobre a Sagrada Liturgia da Igreja) e a *Gaudium et Spes* (Sobre a Igreja no Mundo atual).

Para reconhecer a necessidade de buscar os desígnios de Deus é necessário ter acesso à Palavra de Deus. A *Dei Verbum* apontou para a preocupação de que, não somente o clérigo, mas também leigos e leigas tivessem acesso à Palavra de Deus, abrindo espaço para realidades eclesiais em que a Sagrada Escritura é rezada e também estudada. Custa crer que tenha sido necessário acontecer o Concílio Vaticano II para modificar a realidade de instituições religiosas que não permitiam aos seus membros livre acesso à Bíblia em nome da preservação exegética ou outro motivo.

Outra realidade contraditória é constatar até os dias atuais a falta de oferta de estudo da Sagrada Escritura em muitas comunidades para leigos e leigas.

Foi sopro do Espírito Santo, no Brasil, há 44 anos, mulheres

e homens, a maioria religiosas, de diversas denominações cristãs, criarem o Centro de Estudos Bíblicos – CEBI, hoje espalhados por todo o país, com o propósito de conhecer a Palavra de Deus e realizar o desígnio do Pai de revelação da Palavra aos pequenos (Mt 11,25).

## Quem convoca é Deus

É também pela Palavra de Deus que se entende a pertença ao Povo de Deus. Como afirmou Irmã Márian Ambrosio, “quem me convoca é Deus!” É com Ele que se sonha continuar a descer para junto do seu povo que sofre e suplica, que se estabelece uma aliança. Ao invés de fios que se entrelaçam, o que reúne as pessoas consagradas é uma vocação, aliás, uma com-vocação. Em uma comunidade religiosa, o testemunho das\dos Irmã\ãos se toca e experimenta, não através de sua capacitação para atingir os objetivos de um projeto, mas em sua extrema disposição interior de fazer parte deste “lugar teológico” desde o qual se grita ao mundo que Deus é comunidade (2021).

Um outro bom vento que o Concílio Vaticano II inspirou foi a reforma da Liturgia. Valendo-se do retorno às fontes bíblicas e patrísticas, permitiu resgatar o verdadeiro significado da Celebração

da Palavra de Deus. E não menos importante, a adoção da língua vernácula e a posição do celebrante de frente para a comunidade, e não de costas para ela. O exercício do poder vivido sem o espírito do serviço ameaça a experiência fundante da transfiguração que somos convidados e convidadas a participar na Mesa do Banquete. Quantas comunidades, Brasil afora, desassistidas de padres celebram a sua fé nas Celebrações da Palavra.

Nas comunidades distantes e muitas vezes de difícil acesso, é a vida religiosa que se encontra presente animando, lendo a Palavra de Deus, à luz da realidade e fazendo acontecer a sinodalidade, a fraternidade, o Concílio Vaticano II. Favorecer a leitura da Palavra de Deus significa muitas vezes lutar por direitos sociais, recorrer à implantação de políticas públicas, escolas, postos de saúde, transporte, tirar as escamas dos olhos, dar de comer a quem tem fome e animar os que estão desanimados. Assim a Igreja caminha com sua gente!

E, como num vendaval nos chega o Papa Francisco pisando manso, com os sapatos impregnados de América Latina, e firme como o Papa João XXIII

Eleito em 13 de março de 2013, verificamos que, também o Papa

Francisco encontrou a presença de mofo e poeira. Ao público que deseja realizar novos eventos eclesiais, o Papa Francisco responde que ainda não se colocou na prática decisões anteriores. Perspicaz o Papa pode perceber que a realização de um novo evento não significa “avançar necessariamente para águas mais profundas”.

Transcorridos 60 anos do Concílio Vaticano II temos muitos dos mesmos desafios: guerras, mais irmãos e irmãs passando fome e vivendo em condições degradantes, mais violência, de um lado e, de outro, mais concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos. Na Igreja, o clericalismo, o machismo, a invisibilidade dos humildes, os preconceitos, o individualismo, a adoção de práticas não compatíveis com a simplicidade e austeridade, o fechamento em si, recomendam a necessidade de arrependimento e conversão.

O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, nos convida a refletirmos e tomarmos consciência do “rumo que o mundo está tomando” e a crescente distancia que existe entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade. Multidões deslocadas por motivos de fome, conflitos de diversas causas, guerras, perseguições, pobreza extrema, enormes desigualdades sociais,

muitas vezes combinados com outros motivos, como por exemplo impacto de mudança climática clamam pela assistência da Igreja. É dentro desta realidade que somos chamados “a buscar um Deus verdadeiro e anunciar que Deus é um bem verdadeiro para todas as sociedades” (apud FT, n. 31, nota de rodapé). Este anúncio do Papa Francisco encontra-se em total sintonia com a inspiração do Papa João XXIII quando surpreendeu o mundo com a convocação do Concílio Vaticano II. O Papa Bom pensou no Concílio porque era visível que a Igreja tinha dificuldade em dialogar com o mundo moderno e não demonstrava estar disposta a discernir e agir de acordo com os gritos da humanidade.

Na busca de conviver com um Deus que caminha com o Seu povo e de realizar a fraternidade, à luz da renovação trazida pelo Concílio, parcela do Povo de Deus tem buscado responder ao chamado de amor do Pai. A criação das CEBs, grupos de pessoas simples que se reúnem para pensar juntos a sua realidade à luz da Palavra de Deus é a aplicação de Puebla. As CEBs “converteram-se em centros

de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento” (Puebla, 96). Hoje este velho, e, sempre novo modo de ser Igreja, continua mais vivo e necessário do que nunca, justamente porque a Igreja ainda carrega o peso de suas estruturas que muitas vezes não favorecem a transmissão da fé.

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo. Apropriados do significado da atualização do projeto de Deus para constituição de uma comunidade fraterna é necessário que, individual e coletivamente, contribuamos para afirmar com profetismo a Mensagem de Amor, Paz e Justiça pela qual Cristo foi assassinado, ressuscitou e vive no meio de nós e, trabalharmos para remover os empecilhos que seguem nos impedindo de vivermos como filhos e filhas do mesmo Pai. Esperemos que o Sínodo revigore os compromissos assumidos pelo Concílio Vaticano II. Até aqui a indicação de escuta, discernimento e participação no processo preparatório do Sínodo.

## Para dialogar em comunidade:

- 1 Como você viveu na sua comunidade as etapas preparatórias para o Sínodo da Sinodalidade que acontecerá em Roma ?
- 2 De que modo sua comunidade vive a experiência do encontro e escuta do Deus da vida ?
- 3 Que novos caminhos, a escuta e o discernimentos pessoal e comunitário, em sua comunidade tem indicado para atualizar a mensagem do Evangelho ?

## Referências

AMBROSIO, Marian. **Pronunciamento oral**. Assembleia Geral Eletiva da CRB. Brasília, 2022.

ARPEN, Jackson. **Um novo “aggiornamento” na Igreja**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-10/um-novo-aggiornamento-igreja-60-anos-concilio-vatavano-ii.html> Acesso em: 22 de agosto de 2023.

CELAM. **Documento de Puebla**. São Paulo, Paulus, 2004.

HÁ 60 ANOS o primeiro anúncio do Concílio Vaticano II. Uma inesperada primavera. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/586300-ha-60-anos-o-primeiro-anuncio-do-concilio-vaticano-ii-uma-inesperada-primavera> Acesso em: 22 de agosto de 2023.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a Fraternidade Universal e a Amizade Social. São Paulo, Paulinas, 2020.

SÃO JOÃO XXII. Festa sob o sinal do Concílio. **IHU Online**, 11 de outubro de 2019. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/78-noticias/561090-sao-joao-xxiii-festa-sob-o-sinal-do-concilio> Acesso em: 24 de agosto de 2023

# CERNE 124

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Centro de Espiritualidade  
Flos Carmeli - Mairiporã, SP*

*De 11 de fevereiro a 21 de  
março de 2024*



# MEMÓRIA DE CRIATIVIDADE SINODAL DA VRC NA HISTÓRIA DA IGREJA

Fr. Luiz Carlos Susin<sup>1</sup>  
Fr. Rubens Nunes da Mota<sup>2</sup>

Neste terceiro texto de aprofundamento da compreensão da sinodalidade na Vida Religiosa Consagrada (VRC), depois de examinar os problemas que nos desafiam e buscar as fontes carismáticas da sinodalidade da VRC no NT, vamos trilhar um pouco da história da VRC, fazendo memória da criatividade sinodal de modo especial em quatro passos para a edificação institucional da VRC: a) O amor que nasce na experiência de Cristo ressuscitado e seu Espírito, e que inspira as primeiras comunidades, buscando conviver de forma hospitaleira; b) Em um segundo momento, exa-

minamos a organização *monacal*, embora com traços hierarquizantes, exercendo as novidades do “capítulo” e da mútua obediência; c. Na sequência, retratamos um período em que a forma de organização monacal já não respondia às novas exigências e o Espírito criou novas configurações em formas diversas de *fraternidades*; d. Com as transformações sociais da modernidade, o esforço por viver a vida em comum com novas missões, tempo de apostolado por *instituições apostólicas e missionárias*; e. E, por fim, com a orientação do Concílio Vaticano II, examinamos a grande movimentação

---

<sup>1</sup> Frade Menor Capuchinho. Doutor em Teologia. Professor na PUCRS e ESTEF. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: lcsusin@puers.br

<sup>2</sup> Frade Menor Capuchinhos. Mestre e Doutorando em Psicologia. Endereço para contato: freirubens@hotmail.com

da VRC com apelo a comunidades menores e inseridas em meios missionários populares para responder aos ‘sinais dos tempos’ e viver a sinodalidade partilhada para dentro e para fora.

1. “Vede como eles se amam” (Tertuliano): convém um preâmbulo, um horizonte para a paisagem que vamos percorrer aqui. Desde o Novo Testamento, a comunidade cristã testemunha o amor de Deus em Cristo Jesus, este único mandamento que liberta de tudo mais. Formam-se comunidades “transgressivas” do *status quo* social, comunidades de conversão, de partilha e comunhão, de irmandade sem discriminação e de testemunho até o sangue, o martírio. É o caso da Perpétua, a senhora, e de Felicidade, a escrava, que entram juntas, de mãos dadas, na arena dos leões diante da sanha da plateia. “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Este é o começo da sinodalidade, o “Caminho” a que Lucas se refere como *seguimento de Jesus* em seu evangelho e nos Atos dos Apóstolos, fundamento originário de toda VRC (cf. *Perfectae Caritatis* 1). Com o crescimento e a identificação da Igreja com a sociedade, essa

etapa das fontes primárias de toda VRC entra em nova etapa histórica.

2. Já nos séculos III e IV sobrevém certa mediocridade, a burocratização religiosa e o esfriamento do primeiro amor nos grandes centros. Mas sopra o Espírito e a Palavra que levaram pessoas audazes ao deserto do Oriente, dando assim origem à vida monacal cristã na solidão de eremitas e anacoretas – no ermo despovoado - repetindo até milhares de vezes o versículo da Palavra de Deus na meditação hesicasta. Assim, Paulo Ermitão, Evágrio, Antão e outros tantos recomeçaram no silêncio e na solidão. Mas Pacômio entendeu que é necessária mais presença, mais comunidade, e, inspirando-se em Macário, dá início ao *cenóbio* - como em uma colônia de protozoários, donde vem a palavra “cenóbio”: cada monge com sua casinha *unicelular* em torno de uma *casa central de oração comum*, nutrição para todos juntos. E daí para Basílio, no século IV, se dá o passo seguinte: a primeira comunidade toda reunida sob o mesmo teto em torno da liturgia. No Ocidente, Martinho de Tours, e sobretudo Agostinho uniram à solidão a paixão pela vida *em comum*, pela *comunidade de oração*

*e de bens*, como os primeiros cristãos. Agostinho insiste no companheirismo que ajuda a viver a vida monástica. Bento e sua irmã Escolástica se tornariam a pedra de fecho dessa etapa monacal com o lema *Ora et Labora*: a irmandade monacal se sente reunida sob a autoridade de um pai ou de uma mãe comum. Nela todos/as podem também tomar a palavra, assim como se deve obediência também mútua, “uns aos outros”, e não somente ao superior (cf. Regra 71). Com o monaquismo inventa-se o *capítulo* – esta invenção de *sinodalidade* num mundo imperial extremamente autoritário e hierarquizado. O instigante filósofo italiano Giorgio Agamben, em seus dois livros *Opus Dei* (sobre política, mas desde a vida monacal) e *Altíssima Pobreza* (também sobre política, mas desde as fraternidades mendicantes medievais) anota que nesses espaços houve a ousadia de transgredir as estruturas impostas em seus contextos sociais, para inventar um mundo novo, com regras e relações novas, próprias. O despojamento, a irmandade em oração, a economia em comum e a reunião capitular nas decisões são quatro dispositivos decisivos para o que aqui

nos interessa, a *sinodalidade*. Os mosteiros, primeiro no Oriente e depois no Ocidente, se multiplicaram de forma impressionante como alternativa à sociedade feudal.

3. Quando a vida monacal se mundanizava e começava a decair, não faltaram reformadores e novo espírito. Mas nos séculos XII e XIII toda a vida monacal não dava mais conta de uma sociedade mais dinâmica em que emergiam socialmente e politicamente as *comunas*, os *burgos* e ensaios de repúblicas. Começam então a surgir as *Fraternitates* de diversos tipos, homens ou mulheres que, justamente em itinerância, em pregações ambulantes, andavam sempre em *irmandades*, em grupos – sinodais na missão. Ir. Delir Brunelli, em sua tese sobre Sta. Clara, evidencia diferentes grupos de mulheres que se reuniam então para um novo tipo de VRC apesar das imensas resistências de uma Igreja e sociedade patriarcal com toda autoridade masculina. Um movimento muito original, por exemplo, é o de Beguinhas, organizadas em pequenas aldeias como base para uma vida itinerante em grupos, pregando o evangelho de um lugar a outro. É impressionante o desconhecimento

posterior, apesar de algumas dessas aldeias ainda existirem na Bélgica, sendo as mais conhecidas *beguinages* a de Bruges e a de Lovaina. Foram obrigadas mais tarde à vida das carmelitas de clausura, mas ainda assim subsistiram a seu modo até o século XX. É curioso, numa Igreja patriarcal, que os *begardos* seguissem o modelo das beguinhas, e os franciscanos fossem escutar Santa Clara quando desapareceu São Francisco. Francisco e Domingos deram vida às mais conhecidas *Fraternitates* entre tantas Ordens mendicantes que elaboravam suas normas em comum, em reuniões capitulares. Além disso, em termos de sinodalidade, deram mais um passo, a eleição periódica dos encargos de ministros, acabando com cargos vitalícios. Com o rodízio, o poder não pode ser assimilado à pessoa, e terminado seu tempo, o ministro volta a ser um frade como todos os demais.

4. Já no século XVI, final da Idade Média e começo da Modernidade, Joana de Chantal começa a Ordem da Visitação (Visitandinas) no sul da França, Ângela Merici dá início a uma congregação de professoras e catequistas, as Ursulinas, seguidas no século seguinte por

Irmãs de São José de Chambéry, pelas Filhas da Caridade ou Vicentinas. E assim, às vezes encorajadas outras vezes mal compreendidas e até perseguidas, sempre mais mulheres dão início a formas de vida em comum em contexto missionário e apostólico, na educação e no cuidado de crianças, doentes e idosos. O patriarcado eclesiástico encerra algumas em mosteiros e outras resistem, o que de qualquer forma será uma verdadeira explosão de criatividade a partir de então.

5. Observando de perto, as Ordens antigas, monacais ou mendicantes, acabaram ganhando vida nova, renovação e revitalização, sempre quando aceitaram receber influxos dos novos grupos que respondiam melhor aos sinais dos tempos. O que renova e dá vida nova é o melhor do antigo com o melhor do novo. Assim, os mosteiros contemplativos ganharam revitalização em contato com as fraternidades itinerantes, e essas com a vida apostólica moderna, sobretudo a missão fora da Europa. No entanto, a modernidade acelerou a transformação do Ocidente com a industrialização, com a urbanização, com mais educação geral, com famílias menores,

e com secularização. Todas as Ordens e Congregações, assim como a Igreja em sua totalidade, chegaram ao meio do século XX numa espécie de esquizofrenia, encerradas em uma linguagem exótica, anti-moderna. Marcadas por um modelo tridentino romanizante e por um estilo barroco repleto de sobreposições devocionais e costumes que se tornaram artificiais, pareciam realidades estranhas que começavam a minguar nos centros do Ocidente. Esclerosar ou buscar renovação?

6. Mais uma vez o Espírito e a Palavra vieram por João XXIII e o Concílio Vaticano II. O documento conciliar *Perfectae Caritatis* e depois a Exortação Apostólica de Paulo VI *Evangelica Testificatio* ofereceram critérios para renovação de todas as Ordens e Congregações: “desengessar” as instituições, centrar a espiritualidade na Palavra de Deus, sair da paralisia e do exotismo, renovar as Constituições, atender os sinais do Espírito no tempo presente, tornar a vida mais leve e mais “humana”, em irmandade renovada, comunidades menores e mais missionárias, abraçando a vida das Igrejas locais. Finalmente mais inseridas em meios populares, com rosto e

linguagem mais popular. Em termos de sinodalidade, passou-se a trabalhar numa superação de uma obediência mecânica e vertical – “manda quem pode, obedece quem deve” – a uma obediência ligada ao *empoderamento*: se o poder, numa física *quântica*, é “capacidade de ação em conjunto” (Hannah Arendt), ou seja, exerce poder quem empodera os demais, então o empoderamento na VRC se dá pelos carismas do Espírito partilhados a cada membro em vista da edificação comum. O exercício do poder partilhado, a mudança da palavra “superior” ou “superiora” para coordenador ou coordenadora, ministro ou ministra, etc. é um dos sintomas de nova sinodalidade nesse tempo. A vida mais inserida em missões no meio do povo reconfigura a sinodalidade em comum com o povo, não mais em conventos e grandes casas tradicionais. Assim, com o dinamismo da história e seus impactos na reconfiguração da VRC, finalizamos esta memória processual em que a sinodalidade se dá com vida cada vez mais em comum, em formas sinodais que não conhecem paredes, mas pontes até ecumênicas e interreligiosas. Quando o aspecto institucional endurece e trava a par-

ticipação e a partilha inclusive do poder, novos sinais dos tempos são sinais do Espírito para a VRC.

Em conclusão, em termos de sinodalidade pode-se afirmar que a VRC conheceu um crescimento que parte da solidão do deserto e avança em direção a uma convivência cada vez mais intensa e participativa, ampla e aberta, sem descuidar a interioridade. Mantém seu coração na Palavra e na oração, mas se desenvolve em irmandade e em missões cada vez mais ousadas e inseridas junto ao

Povo de Deus. Exerce as relações de poder e obediência cada vez mais com autoridade capitular e de forma participativa em vista da missão no mundo que a circunda. E, como bem anota Agamben, ela tem um ousado caráter transgressivo e criativo, moldando formas de vida em comum que convém chamar de proféticas e “contraculturais”, mas não exóticas e exibicionistas, em relação aos contextos sociais, culturais e eclesiais de seu tempo. Não é tempo, portanto, de lamentar, mas de criar.

### **Para dialogar em comunidade:**

- 1 Com o breve itinerário histórico da descoberta de valores sinodais no seguimento de Jesus, o que este itinerário nos pode inspirar?
- 2 Em sua Ordem ou Congregação, qual foi a ousadia transgressiva das origens e o que elas ainda interpelam?
- 3 Examinando também para fora da Ordem ou Congregação, para a Igreja e para o contexto social em que nos é dado viver, o que o nosso exercício de sinodalidade pode aprender de outros e o que pode oferecer a outros no mundo ao nosso redor?

# A SINODALIDADE E OS CARISMAS

Zuleica Aparecida Silvano<sup>1</sup>

## Introdução

O termo “sinodalidade” não ocorre na Bíblia, mas é possível verificar práticas sinodais nas comunidades primitivas descritas nos textos do NT (Gl 2,1-10; 1Cor 12–14; Rm 12 e At 15,1-35). A sinodalidade é fundamentada por uma espiritualidade de comunhão, baseada na experiência da Trindade, e que se expressa na corresponsabilidade e na participação de todas(os), dado que cada membra(o) tem a mesma dignidade de filha(o) de Deus recebida no batismo e é chamada(o) a estar a serviço. Nesse artigo refletir-se-á sobre a sinodalidade e os carismas

(ministérios) (TABORDA, 1990; TABORDA, 2011, p. 149). É claro que no texto bíblico o termo “ministério” é *diakonía* (serviço), porém está vinculado à pregação. Assim, o ministério é um dos carismas a ser colocado a serviço da comunidade. Para aprofundar essa temática foi escolhido 1Cor 12, no qual Paulo se serve da imagem corporal e apresenta a unidade na diversidade de carismas recebidos pelo Espírito Santo. Esses “dons espirituais” também são chamados de “serviço, realizações e manifestações do Espírito”, ressaltando os “efeitos e a unidade da ação de Deus na vida das comunidades” (ZABATIERO, 2020, p. 90).

---

<sup>1</sup> Irmã Paulina. Doutora em Teologia Bíblica pela FAJE e mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico. Docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia e assessora no Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas). Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional.

## A diversidade e a unidade dos dons (1Cor 12,1-11)

A igreja de Corinto é rica em dons concedidos pelo Espírito Santo. Contudo, destacava-se o dom de “falar em línguas” (a glosolalia), por evidenciar a ação poderosa do Espírito. Segundo Paulo, o critério para o reconhecimento dessas experiências carismáticas é ter a consciência de que são dons concedidos por Deus, gratuitamente, para estarem a serviço da comunidade, portanto não tem porque continuar essa disputa e a divisão entre os batizados.

Na introdução de 1Cor 12 (vv. 1-3), o autor apresenta os critérios para discernir as pessoas que receberam os dons espirituais daquelas que são falsas, ao partir da relação existente entre Espírito Santo, o messianismo e o senhorio de Jesus. Essa introdução é necessária, dada que os membros da comunidade confundiam os dons espirituais com os fenômenos das experiências de êxtase das outras religiões pagãs. Ao chamar os deuses de “ídolos mudos”, o autor sublinha o não envolvimento deles na história, ressaltando a dinamicidade do Espírito Santo e a presença de Deus em toda a trajetória do povo: Ele ouve, entra em comunicação, vê, vem ao encontro. Segue-se a apresentação

da origem comum dos carismas, que é o Espírito Santo e sua ação em conceder e distribuir os dons para cada membro da comunidade. Em 1Cor 12,3-11, o Espírito é designado como autor de uma intervenção direta na comunidade ao distribuir os carismas (v. 11), sendo um sujeito dinâmico e responsável pela ação. Porém, é notória a relação entre os dons distribuídos para os membros da comunidade e a menção a uma fórmula triádica (dado que ainda não há o conceito de Trindade). Assim, pode-se dizer que a diversidade dos dons e a sua unidade parte dessa harmonia entre as pessoas divinas e que essas “constituem um único princípio ativo e operante no batizado” (BARBAGLIO, 1989, p. 323).

Ao analisar a lista de dons percebe-se a criatividade do Espírito, que atua em consonância com a realidade dos membros que compõem a comunidade. Ao considerar a afirmação do v. 7, “a manifestação do Espírito é dada a cada um para o bem comum”,<sup>2</sup> pode-se dizer que nenhum membro é isento de dons, todos são envolvidos, e esses dons são concedidos para estarem a serviço da vida comunitária. Outro dado a salientar é

<sup>1</sup> As traduções de 1Cor 12 são extraídas da tradução própria editada em: A BÍBLIA. Novo Testamento. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 418-420.



a forma pela qual o Espírito se torna visível, para uma finalidade precisa: o bem comum. O Apóstolo ressalta ainda que o Espírito concede a diversidade de dons, e é a fonte de sua unificação. Por isso a insistência em dizer que esses diferentes carismas são segundo “o mesmo Espírito”. O primeiro dom é “da palavra de sabedoria”, que, ao estar associada à “palavra”, pode ser a sabedoria focada no discurso, no “ensino”, na “exortação”, ou seja, são pessoas que têm o dom da percepção correta da realidade e da conduta adequada na vida cotidiana, mas que nasce do profundo conhecimento do mistério divino, provavelmente, se refere ao dom do ensinamento. Enquanto o dom da palavra de conhecimento refere-se ao discurso marcado pela compreensão dos mistérios cristãos, da revelação cristã (1Cor 2,11), que são compreensíveis para o pensamento humano por meio de seu Espírito. Pode ser também um aprofundamento sobre o mistério de Cristo, que são concedidos por Deus e não por um esforço humano de adquirir conhecimento. Essa ênfase no dom é importante para essa comunidade em Corinto, pelas diferentes concepções de conhecimento (o intelectual, a revelação, a aquisição de conteúdo) e por sua supervalorização. Ao dizer que é um dom espiritual e que deve estar a serviço da comuni-

dade, Paulo exorta a ter cuidado em não fazer desse dom motivo de orgulho, de arrogância não edificando a comunidade (1Cor 8,1).

O terceiro dom é a fé, que, nesse contexto está relacionado com a capacidade de realizar milagres, prodígios ou de curar, seria a fé taumatúrgica (1Cor 13,3).

O dom da profecia não consiste na capacidade de anunciar, exortar e consolar (1Cor 14,3), dada a todos batizados. O profeta é antes de tudo um ser humano que está em íntima relação com o Espírito (1Cor 14,1), é o mensageiro de Deus, comunicando a sua vontade e a sua presença no meio do povo. O termo “profecia” algumas vezes pode ser interpretado como sendo fenômenos extraordinários, com revelações que são dadas pelo Espírito (2Cor 12,1.7; Gl 1,12). Porém, essas revelações são denominadas ora com a expressão “mandamento de Deus” (1Cor 14,37) ora com “Palavra do Senhor” (1Ts 4,15). Outras vezes, Paulo fala do profeta como aquele que transmite o que era oculto. Entretanto, o conteúdo deste mistério, que deve ser revelado, dá testemunho da justiça de Deus (Rm 3,21) e anuncia a Boa-Nova de Deus, que é Jesus Cristo (1Cor 4,1; 15,15). Mistério que fazia parte do plano de Deus, desde antes da criação do mundo, e que é revelado por decisão de Deus (Gl 4,4).

Os dons da cura das doenças são vistos como prodígios. Ele está no plural (dons) para ressaltar que é dado por Deus para ocasiões específicas ou até mesmo para doenças diferentes, porque, para Paulo, as doenças eram resultantes da fragilidade humana, mas também do pecado.

Por fim, menciona a glossolalia, que consistia no dom de uma comunicação particular com o mundo celeste. Na comunidade de Corinto era considerado um dom por excelência, por estar vinculado às experiências de “êxtase espiritual”. Para Paulo, é uma manifestação da graça divina que edifica a Igreja, portanto é necessário ter alguém para interpretar a fim de ser um dom para a comunidade. Para o Apóstolo, todos os dons devem apontar para quem o concede (Deus), não para quem o recebe, nem para o mediador (o portador desse dom).

## **Os dons e a comunidade como Corpo de Cristo (1Cor 12,12-30)**

A metáfora corporal remete à literatura greco-helenística (Aristóteles, Política V, 462d) e o apólogo de Menênio Agripa (Tito Lívio, *Ab urbe condita* 2,32) (ALETTI, 2010, p. 68-69). A diferença entre Menênio e Paulo é que, enquanto o primeiro deseja enaltecer a elite

dirigente, o segundo exalta a necessidade dos membros mais fracos, menos nobres. Essa inversão está em estreita relação com 1Cor 3,7 e Fl 2,1-11, visto que a comunidade é o corpo de Cristo Crucificado e Ressuscitado, do Filho de Deus, que assume o processo de esvaziamento.

Essa perícopé começa com a comparação entre o corpo humano, que sendo um tem vários membros e Cristo. Essa comparação será desenvolvida nos vv. 14-26 e com Cristo nos vv. 27-30. Chama a atenção que a comparação com o corpo humano é, curiosamente, com Cristo, e não, inicialmente, com a Igreja. A escolha de “Cristo” facilita Paulo estabelecer uma relação entre o cristão (1Cor 6,15), o corpo crucificado e ressuscitado de Jesus (1Cor 1-4), o corpo eucarístico (1Cor 10,16-17) e o eclesial (1Cor 12). Os membros da comunidade, fundamentados em Jesus Cristo, comungam do mesmo pão eucarístico e, por conseguinte, estão interligados e complementam-se, em um sinal visível do amor de Deus. Deste modo, a comunidade é descrita como aqueles(as) que estão em Cristo. Cristo como uma entidade plural, que incorpora os batizados n’Ele. Isso é corroborado na frase seguinte, quando afirma que: “porque também, em um só Espírito, todos nós, em um só corpo, fomos batizados, quer

judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e, a todos, um só Espírito nos foi dado de beber”. Nessa frase também aparece o Espírito com essa função de criar comunhão entre esses diferentes membros provenientes de origem étnico-religiosas diferentes e de *status* sociais diversos, mas que pelo batismo constituem um único corpo. Pelo batismo forma-se uma unidade, porém não se fala de uma uniformidade étnica, social e cultural. De fato, pelo batismo o crente começa a fazer parte de um corpo eclesial, unificado pelo Espírito Santo. Salienta-se que no v. 12 há uma relação entre o Corpo e Cristo, no entanto, no v. 13, não aparece o termo “Cristo”, mas acentua o corpo eclesial, em seu sentido orgânico. Provavelmente, Paulo, ao utilizar o mesmo termo “corpo”, não visa acentuar a distinção entre esses dois aspectos, mas sim sua interdependência na pluralidade, mas garantindo a unidade.

Nota-se um paralelismo entre os vv. 14-18 que ressalta a multiplicidade dos membros e os vv. 19-26, que insiste sobre a solidariedade entre os membros da comunidade. Esse paralelo ajuda a compreender que Paulo, ao utilizar uma imagem conhecida na Antiguidade para outras finalidades, não tem a intenção de ressaltar os órgãos mais fracos, mas a apresentação dessa multiplica-

dade dos órgãos e suas funções visam a complementaridade e a solidariedade entre os membros da comunidade, sendo essas não só necessárias, mas queridas por Deus (v. 18).

Verifica-se uma hierarquização das funções ao considerar os membros superiores (vv. 19-24), que aqui representam as funções de apóstolos, mestre ou de coordenadores da comunidade, e os “inferiores”, que são os executores das tarefas. Essa hierarquia torna todos interdependentes uma vez que todos cooperam para a unidade do corpo. Assim, na comunidade cristã os membros fracos e deficientes são fundamentais, e a esses é concedida mais “honra” (1Cor 12,24). Por isso, a comunidade é chamada a se preocupar com os mais vulneráveis, mais fracos, pois, sem esses, não seria possível a experiência do amar e servir.

A frase “se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é glorificado, todos os membros regozijam-se com ele” (1Cor 12,26) chama a atenção para sinodalidade que acentua a solidariedade, mas também a comunhão que há nesse corpo eclesial com a alegria e o sofrimento entre os membros como um sinal profético. Essa comparação também é aplicada para compreender a diversidade e a unidade dos dons espirituais (vv. 27-30),

dado que são diversos dons que os membros recebem no ato batismal, com funções diferentes, porém são complementares e mantêm a unidade do corpo eclesial. Paulo emprega “*ekklesia*” (v. 27), uma palavra grega, que pode ser traduzida por “congregação”, “assembleia”, “igreja”, “reunião”, “comunidade”.

Essa palavra, na cultura helênica, provém de *ek-kaleô*, que significa “chamar”, “convocar” e designava a assembleia popular dos cidadãos livres das cidades-estados, que se reuniam para tomar alguma decisão política ou judicial. Porém, era aplicado apenas quando estavam reunidos, portanto referia-se a uma reunião extraordinária ou a reuniões regulares para discutir assuntos referentes à cidade. Na Septuaginta (versão grega da Bíblia), *ekklesia* traduz a palavra hebraica *qāhāl*, na expressão que poderia ou não ter uma conotação religiosa. Esse termo designa à comunidade de Israel reunida ao redor da Palavra de Deus no Monte Sinai (Dt 4,10; 18,16), ou uma comunidade de pessoas ligadas ao Deus de Israel, que recebem d’Ele os ensinamentos para poderem organizar a vida comunitária e social. (SILVANO, 2021. p. 28-29).

Nas cartas paulinas, *ekklesia* nomina a assembleia local daqueles que aderem a Jesus Cristo; as comunidades primitivas que se

reuniam nas casas, as chamadas “igrejas domésticas”. O Apóstolo emprega esse vocábulo para falar dos cristãos das comunidades locais e do grupo cristão em seu conjunto (1Cor 15,9; Gl 1,13; Fl 3,6), por isso pode-se dizer que, nesse contexto, é possível interpretar nesses dois aspectos. A grande novidade de Paulo foi servir-se de uma expressão típica do judaísmo e aplicá-la às comunidades constituídas de pessoas da cultura gentílica, com esse sentido de sinodalidade. Assim, a comunidade em Corinto faz parte do povo eleito e é essa comunidade de pessoas livres que se reúnem por sua adesão a Cristo. Portanto, “Corpo de Cristo” não é uma metáfora para descrever a comunidade, nem é sinônimo de Cristo, mas para afirmar nosso ser em Cristo (Gl 3,28b). E mais, é interessante entender a menção aos dons e à sua hierarquização, quando o Apóstolo elenca, nos três primeiros postos, os apóstolos, os profetas e os mestres.

Esses três serviços estão relacionados com a palavra, aquilo que Paulo descreve com os dons da palavra de sabedoria e conhecimento. Eles são apresentados por primeiro, pois estão vinculados ao Espírito, que é aquele que concede o dom da palavra, e também por ajudar na edificação da comunidade como pessoas enviadas por Deus, para falar em seu

nome. Depois apresenta os dons de “realizar prodígios” e os “dons de curas”, esses estão vinculados, por serem ações extraordinárias, gestos taumatúrgicos.

É importante salientar que, ao ter presente os gestos de Jesus e seu mandato missionário, o anúncio do evangelho e a cura dos enfermos são os mais importantes testemunhos da instauração do Reino de Deus. Em seguida cita o dom de “dar assistência, a capacidade de governar”, que estão mais relacionados à execução de tarefas na comunidade. Por fim, acrescenta “o dom de falar em línguas diferentes”. Essa posição no final da lista parece ser proposital, por ser um dom considerado maior do que os outros. Assim, Paulo o relativiza e afirma que é também necessário para a edificação da comunidade, quando há quem interpreta a mensagem pronunciada nessas “línguas” chamadas celestiais (1Cor 14). As

afirmações nos vv. 29-30 estabelecem um ligame com os vv. 16-20, acentuando a diversidade de dons, pois são eles que constituem o corpo eclesial, ao contrário não seria um corpo. Ao mesmo tempo sublinha suas diferentes funções. Portanto, todos os carismas estão a serviço do bem comum, não havendo um maior do que o outro.

O ministério também é um carisma ligado à pregação ou ao de coordenar da comunidade, que se reunia nas casas. Além da comunhão, Paulo acentua a solidariedade, a participação e a corresponsabilidade entre os membros, que se colocam a serviço para a edificação da comunidade. Esses carismas específicos estão no cerne de nossas Congregações, expressando essa unidade e, ao mesmo tempo, a criatividade do Espírito, e que são chamados a caminhar juntos nesse corpo eclesial, tendo como centro a unidade trinitária.

### Para dialogar em comunidade:

1. Qual é a relação entre sinodalidade, carismas e ministérios? Qual é a relação entre o carisma do seu instituto e sinodalidade (caminhar juntos com o diferente)?
2. Como manter vivo o carisma diante das exigências e dos desafios da realidade atual?
3. Estamos acolhendo o carisma que nos foi dado, que tem como fonte a comunhão trinitária?

## Referências

- ALETTI, J.-N. **Eclesiología de las cartas de San Pablo**. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2010.
- BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo (I)**. São Paulo: Loyola, 1989.
- SILVANO, Zuleica A. **Carta aos Gálatas: “Até que Cristo se forme em nós”** (Gl 4,19). São Paulo: Paulinas, 2021.
- TABORDA, Francisco. **A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado**. São Paulo: Paulus, 2011.
- TABORDA, Francisco. Carisma e institución. **Boletín CLAR**, Bogotá, v. 28, p. 20-26, 1990.
- ZABATIERO, J. P. T. M. As listas de dons espirituais em Paulo. In: ROSSI, L. A. S.; SILVA, V. da. (Orgs.). **Dons e carismas na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2020.

# POR UM AMANHÃ MAIS SINODAL

Ir. Silvânia Aparecida Coelho<sup>1</sup>  
Ir Teresinha Mendonça Del’Acqua<sup>2</sup>

Em tempo algum se pronunciou tanto a palavra sinodalidade. Nosso reconhecimento à Igreja, na pessoa do Papa Francisco, por nos ter presenteado com a proposta sinodal, provocando-nos a um novo olhar, novas atitudes e desejo de conversão, mediante a sua convocação para um caminho de discernimento, a partir da escuta da Palavra de Deus, rezada e partilhada entre irmãos e irmãs.

É verdade que nos situamos numa época caracterizada por múltiplas mudanças rápidas e profundas. Somos afetadas/os por numerosas tensões, violências, exclusões, crises econômicas, culturais, políticas, sociais, alimentícias, climáticas, abusos de poder,

de autoridade, de consciência, de ordem sexuais, culturais e sistêmicos. Exatamente nesse burburinho e convulsão planetária somos convocadas/os e interpeladas/os, por meio do Sínodo Eclesial (2021-2024), a assumirmos com radicalidade nossa identidade batismal como Povo de Deus, ou seja, o protagonismo cristão na vida eclesial (*LG*, n. 10). Segundo o teólogo Renato Alves de Oliveira, a sinodalidade expressa um “convite a uma caminhada em conjunto na Igreja, um método eclesial que deve perpassar todas as instâncias, organismos, ministérios e ministros da Igreja.” (2022, p. 267).

---

<sup>1</sup> Irmã Serva da Santíssima Trindade. Superiora Geral da Congregação. Psicóloga. Conselheira da CRB Nacional. Endereço para contato: silvaniastscuelho@gmail.com

<sup>2</sup> Irmã Franciscana de Maria Imaculada. Psicóloga. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: teresinhamedel@gmail.com

A sinodalidade nos mergulha, imediatamente, na Trindade que é o modelo perfeito e por excelência, de comunhão, relação, unidade na diversidade, de reciprocidade, de inclusão, de valorização e acolhimento às diferenças; características básicas que não podem faltar na concretização da vivência sinodal. Portanto, a sinodalidade eclesial está pautada na construção da comunhão, de uma Igreja em saída, como recorda o Papa Francisco; aberta e aprendiz no exercício da inclusão, considerando que todas as pessoas, independente de raça, classe social, gênero e idade são sujeitos importantes na edificação diária do caminho sinodal.

Acontece que, com o caminhar histórico, o caráter sinodal eclesial, ou seja, participativo, responsável, dialógico, inclusivo, foi sendo, gradualmente, contaminado e desvitalizado por ideologias totalitárias, modelos hegemônicos, hierárquicos, centralizados e excludentes dos diferentes e das diferenças. Sutilmente, a Igreja em suas amplas e múltiplas configurações históricas e, conseqüentemente, a Vida Religiosa Consagrada, (VRC), como parte integrante e muito vital na Igreja (Dap, n. 216-224), foram se concebendo, se organizando e se expressando de formas mescladas por tais ideologias, tornando-se

“barcas pesadas” para se deslançarem no oceano do discípulo missionário de Jesus Cristo. (Dap, n. 31).

Caminhando com a Igreja que nos interpela a peregrinar por veredas sinodais, mesmo navegando entre correntezas humanas, culturais e estruturais tempestuosas, podemos ressaltar expressivas formas emergentes de sinodalidade que têm potencializado a VRC:

- a) interesse e entusiasmo crescentes, proféticos e vigorosos por maior compreensão e vivência da sinodalidade em sua amplitude, traduzida no concreto das relações interpessoais comunitárias e pastorais e nos paradigmas organizacionais, desde as pequenas opções cotidianas;
- b) inspiradas/os pelo horizonte da 26ª Assembleia Geral Ordinária da CRB e Conferência Latino Americana e Caribenha, destacamos o empenho de avançarmos no ressignificar a VRC em chave sinodal, com o dinamismo audaz das “Mulheres da Aurora, enfrentando as ondas adversas, tanto *ad intra* como *ad extra*;
- c) retomadas gradativas de experiências sinodais com novos olhares e realces, po-



- tencializando-as e, criativamente, tecendo outras práticas de vida, alicerçadas numa subjetividade humanizadora, nos valores essenciais e inegociáveis, segundo a proposta do Evangelho, dos Carismas Congregacionais e dos Institutos de Vida Consagrada;
- d) as práticas sinodais vão se desdobrando, envolvendo novas e mais leves relações, expressões linguísticas mais cordiais, formas estruturais e organizacionais menos formais e mais dialogalmente inclusivas, humanas e humanizadoras;
- e) as análises, os discernimentos e as decisões têm sido realizadas de forma mais suave, envolvente e corresponsáveis, pelas Irmãs e Irmãos, à luz do Evangelho (At 15,28), que se colocam em atitude de discípulas/os, num clima de oração e escuta ao Espírito Santo, conforme nos lembra o profeta Isaías “Toda manhã o Senhor desperta meus ouvidos para que, como uma boa discípula, bom discípulo, eu preste atenção” (Is 50,4b). Percebe-se ainda, um novo jeito de discernir, comunitariamente, utilizando o método da Conversação Espiritual,
- banindo assim as decisões tidas como democráticas, segundo o voto da maioria sem consenso e que abre brechas para partidarismos, conchas, jogos de interesses e exclusões;
- f) um jeito de viver e organizar a vida pessoal, comunitária e institucional, com revisões de compromissos, momentos de reflexões e retiros, têm sido inspirados na afirmação imperativa de Isaías - “alargue o espaço de sua tenda, estenda bem suas lonas, estique suas cordas, firme suas estacas” (Is 54,2) - texto motivacional da Etapa Continental do Sínodo.
- Expande-se a consciência de que a ciranda do tecer uma cultura sinodal tem seu início no profundo do ser de cada pessoa que se deixa conduzir pela inspiração trinitária quando:
- a) desejamos e nos esforçamos por uma vida mais simples, com relações de irmandade, na qual a/o outra/o mora em nossos corações como irmã e irmão;
- b) assumimos uma coordenação e animação, considerando que a vida é processo e a participação de todas/os é fundamental nas tomadas de decisões;

- c) vivenciamos a circularidade nas relações e no desempenho das diversas atividades missionárias, dentro e fora de nossas comunidades;
- d) rezamos para além das orações formais; rezamos a vida com cantos, símbolos e expressões corporais dentro ou fora das nossas capelas;
- e) fortalecemos e vivenciamos em nosso cotidiano congregacional e nos diversos espaços e formas de inserção, a troca de saberes sem considerar uma pessoa mais importante do que a outra, possibilitando novos aprendizados;
- f) buscamos vivenciar a nossa consagração batismal, como critério primeiro para a vivência da consagração religiosa, assumida nos conselhos evangélicos de Castidade, Pobreza, Obediência e outros específicos.

Sem deixar de considerar e celebrar o caminho já percorrido, há de se convir que na procura e no desejo de traçar um itinerário de um amanhecer mais sinodal, nos deparamos no ardor e labor de uma travessia mais dinâmica, enfrentando noites escuras com a sensação, às vezes, de estarmos distanciando daquilo que é essencial e nos prendendo no supérfluo

e em comportamentos que contrariam a proposta da sinodalidade.

Há grandes desafios a enfrentar no dia a dia da vida comunitária, no jeito de governar, de estabelecer relações, de estar junto às pessoas, especialmente das mais excluídas e em contextos de vulnerabilidade, de viver a missão, de nos relacionarmos com os nossos colaboradores e leigos, ligados aos nossos carismas.

Urge uma Vida Religiosa Consagrada nova, que dê repostas novas para os clamores desse tempo que se chama hoje. A verdadeira vivência da sinodalidade é caminho profético e oferece grandes contribuições para a construção de uma Vida Religiosa Sinodal, com traços e expressões de mais amor, gratuidade, respeito, inclusão, alegria, humanidade, enfim, uma vida que testemunha o amor de Deus, na qual as pessoas, olhando para o interior das Congregações, Institutos e para o jeito de ser e viver de cada mulher e homem consagrados, possam fazer a experiência de um Deus que é amor, misericórdia, compaixão e caminheiro.

Fixemos o nosso olhar e o nosso coração na Santíssima Trindade, como verdadeiro protótipo da sinodalidade. Tenhamos presente que o nosso Deus Uno e Trino é

comunhão e que nenhuma das três pessoas divinas vivem para si, mas para a outra, em profunda inter-relação, numa ciranda do mais puro amor. Vislumbramos um caminho longo pela frente, de novas práticas que muito exigirá de nós humildade, paciência amorosa e desapego, porém, não há motivos para desanimarmos, pois Jesus continua nos dizendo: “Não temas!” (Mt 10,33; 28,5), “Avançam para águas mais profundas” (Lc 5,4).

Como VRC feminina e masculina, contemplativa e apostólica

e Institutos de Vida Consagrada, deixemo-nos interpelar e transformar pelo Espírito que sopra cinzas e poeiras, suscitando novo vigor, (Jo 3,8), “fazendo novas todas as coisas.” (Ap 21,5). Continuemos a caminho como VRC, constituída de mulheres e homens da aurora, que teimam em romper a escuridão. Prossigamos tecendo a grande rede da missionariedade, da intercongregacionalidade e das relações humanizadoras, escutando, diariamente, do mestre Jesus: “Permanecei no meu amor!” (Jo15,9).

### Para dialogar em comunidade:

1. Como abraçarmos, cada vez mais, a sinodalidade como uma inspirada oportunidade de avançarmos no exercício da comunhão, do respeito, do diálogo, do perdão e das relações mais sororais e fraternas, como Vida Religiosa Consagrada e Institutos de Vida Consagrada?
2. A busca da vontade de Deus e a tomada de decisões, mediante as interpelações da realidade, tem sido a partir da escuta da Palavra, do Espírito e do vigor original dos carismas de nossas Congregações e Institutos ou a partir de certas necessidades, urgências e interesses pessoais ou grupais?
3. Quais estacas imóveis temos mantido em nós como indivíduos, como comunidade e como Congregação e Institutos, que nos impedem de desapegarmos de certos conceitos, ideologias, cargos, lugares, formas organizacionais, impedindo nossa itinerância discipular e missionária?

## Referências

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo, Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Renato Alves. A Trindade como fundamento teológico da sinodalidade. **ATeo**, Rio de Janeiro, v.26, n.69, p.248-279, jan/jun. 2022.

# A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA (VRC) NO ESTILO SINODAL, FERIDA COM PRÁTICAS ANTI-SINODAIS

Ir. Teresinha Mendonça Del’Acqua<sup>1</sup>

Inicialmente gostaria de explicitar que esta reflexão-conversa tem por objetivo avançarmos no processo de aprendizagem e vivência do estilo sinodal, em sua abrangência e profundidade, através de ações transformadoras de paradigmas, práticas e estruturas. Perseguindo tal objetivo serão utilizadas certas iluminações teóricas e análises esperançosas de maiores e novas expressões sinodais na VRC, tanto feminina como masculina nas suas múltiplas formas.

A sinodalidade vertical e horizontal, profética e potencializadora de humanismo saudável

A prática da sinodalidade tem perpassado a história da Igreja

em diferentes intensidades e nos últimos anos ela tem tido relevância vital e até determinante do futuro eclesial. A sinodalidade tem a Trindade como fonte inspiracional e expressão de unidade na diversidade, de acolhimento da singularidade, de inclusão e de reciprocidade. Conforme o Papa Francisco (2021) “o tema sinodalidade não é um capítulo de eclesiologia, muito menos uma moda, um slogan”. Trata-se, segundo ele, de um estilo de vida eclesial encarnado no cotidiano.

A Sinodalidade é uma questão de humanização das relações do ser humano no seguimento discipular e missionário de Jesus Cristo no mundo. Como a sinoda-

---

<sup>1</sup> Irmã Franciscana de Maria Imaculada. Psicóloga. Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB Nacional. Endereço para contato: [teresinhamendel@gmail.com](mailto:teresinhamendel@gmail.com)

lidade não é estática, ela fomenta e fortalece experiências de poder como capacidade de influenciar, impactar, nutrir e integrar a diversidade de dons (Cor 12, 4-11), capacidades e potenciais humanos e de motivar mudanças positivas em benefício do bem comum, na modalidade de serviço, discernimento comunitário, corresponsabilidade, ampliação e articulação do rosto plural da Igreja.

O *Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão Sinodal a ser realizada em outubro de 2023, em seu número 6, afirma que “a dinâmica sinodal é uma maneira de apreciar e aprimorar a rica diversidade sem esmagá-la em uniformidade”. Renato Alves de Oliveira, enfatiza que “a sinodalidade é um convite a uma caminhada conjunta na Igreja. Trata-se de um método eclesial que deve perpassar todas as instâncias, organismos, ministérios e ministros da Igreja! (2022, p. 248-279). Portanto, o estilo sinodal de ser e atuar não compactua com paradigmas piramidais e excludentes. A sinodalidade como um modo relacional e organizacional humanizador nos interpela à profundas e sérias revisões e mudanças radicais a partir de uma disposição integral para um dinamismo construtivo de respeito orante, de escuta atenta e não julgadora, diálogo, discernimento comunitário

e de transformação pelo Espírito. (*Instrumentum Laboris...*, n. 18). Com tais enfoques torna-se claro que a sinodalidade não oferece soluções mágicas, mas aponta caminhos esperançosos e dinâmicos que desafiam nossa criatividade, a sermos “mais ouvido” do que “palavras”, às relações mais humanas, centradas em Jesus Cristo e à novas práticas.

Evidente é que a VRC na sua essência é profeticamente audaz, portadora de criatividade contínua, de impulso para o crescimento, para a maturidade e para múltiplas formas de serviços e ministérios e tem implementado diversas práticas sinodais ao longo de sua história. Acontece, porém, que a VRC se encontra imersa na sociedade e na Igreja, ambas gradualmente, mescladas por diferentes antropologias, filosofias, teologias e ideologias seculares e multipolarizantes. Inegável é que as impactantes e numerosas influências recebidas nem sempre são congruentes à sua identidade inspirada no Evangelho, no serviço samaritano (FT, cap. II) e nos princípios inegociáveis da fé cristã católica.

Lentamente, a igreja e a VRC como parte integrante e vital na Igreja (DAp, n. 216 - 224), foram sendo organizadas de formas piramidais, hierárquicas e

baseadas no binômio domínio e subserviência e adotando certas terminologias que expressavam e legitimavam tais práticas, muitas dentre elas ainda vigentes. Chegou-se a considerar a obediência sem consciência crítica e responsabilidade, denominada “obediência cega” como uma virtude relativa à santidade.

Perguntemo-nos: Em tempos de ampliação da consciência, de processos sinodais e de expansão da subjetividade saudável e criativa, é coerente continuar usando termos que, histórica e psicologicamente, traduzem conceitos e imagens piramidais e hierárquicas e podem evocarem experiências de negação da dignidade batismal tais como “superior/a”, “moderadora/or suprema/o”, “definidora/or”, “inspetora/or” e outros termos correlatos que enfatizam concepções de poder vertical, de mando e expressam classismo?

Mesmo mergulhada no vasto oceano um tanto temido a respeito da sinodalidade eclesial profética e em águas um tanto turvas, numerosos têm sido os avanços das adesões criativas e entusiastas, já traduzidas em ações transformadoras, impulsionadas também pelo tema do 3º Ano Vocacional do Brasil, “Vocação: graça e missão” e pelo lema: “Corações ardentes, pés a caminho”.

Dentre outras expressões de adesões, merecem destaques as seguintes:

- a. Empenho pela saída contínua do “eu” para um “nós”, como Igreja comunidade relacional orientada para a missão;
- b. Revisão de linguagem, muitas vezes não inclusiva e até preconceituosa e excludente;
- c. Ampliação da consciência e discernimento vigilante quanto às resistências e objeções ao novo, ao inesperado e ao diferente individual, ritual, cultural, estrutural e sistêmico;
- d. Séria revisão dos programas e práticas religiosas formativas, institucionais e pastorais em vista do empoderamento das pessoas como sujeitos ativos de sua formação, na sociedade, Igreja e congregações;
- e. Diminuição de práticas cotidianas de privilégios, conchas, chantagens emocionais, conivências não saudáveis e induções que cerceiam a liberdade nas escolhas e adesões;
- f. Criação e efetivação de protocolos de prevenção e tutela de crianças, adolescentes e pessoas em condições de vulnerabilidade e promoção de espaços seguros de proteção e de cuidado *ad intra* e *ad extra*;

- g. Empenho na prática da cultura do encontro na acolhida e apreciação da pluralidade étnica, cultural, intergeracionais, dons e habilidades, rompendo fronteiras e buscando caminhar juntas/os superando as fragmentações e polarizações;
- h. Discernimento dos sinais dos tempos em sintonia e atenção ao sopro do Espírito que garante a fidelidade à missão e se revela à Igreja possibilitando decisões consensuais proféticas, soprando onde e quando deseja. (GS n. 4; Ap 2, 7; Jo 3,8));
- i. Tecelagem da vida em comum a partir da singularidade e colaboração de cada pessoa, segundo a diversidade dos carismas expressos em diferentes funções;
- j. Desenvolvimento de atividades e organização de equipes focadas na missão e não nas preferências e habilidades individuais ou redução das pessoas a meros instrumentos para manutenção e desempenho institucional;
- k. Formação para a sinodalidade, fortalecendo as práticas sinodais já existentes e, intencionalmente, desenvolvendo novas com maior consciência de que o processo é interminável, por se tratar de um estilo de vida.

## Anti-sinodalidade traiçoeira

Concomitantemente às crescentes adesões e o interesse vigoroso e criativo em relação à sinodalidade, há fortes expressões anti-sinodais violentadoras da dignidade humana, que sinalizam a necessidade de tornar realidade a afirmações de São Paulo: “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28) e da afirmação do documento conciliar *Lumen Gentium*. n. 28, “nenhuma desigualdade existe em Cristo e na Igreja, por motivo de raça ou de nação, de condição social ou de sexo”. Não inesperadamente, emergem do profundo do oceano da insegurança e do medo de perder status e prestígios ministeriais, geralmente vinculados ao poder hierárquico, centralizador e opressor, excludente de forças vitais à Igreja, “bolhas” de resistências cristalizadas, defensoras de uma Igreja patriarcal, piramidal e clerical alicerçadas num radicalismo petrificado.

Embora seja um caminho profundamente desafiador, constrangedor, doloroso, porém, inegavelmente necessário, se quisermos uma Igreja mais transparente do Reino de Deus, ousemos mergulhar na obscuridade oceânica da



VRC e detectar alguns elementos sabotadores dos pilares sinodais, ou seja: comunhão, participação e missão. Minha intenção ao abordar essa temática é lançar *flashes* de luz sobre o imenso *iceberg* menos saudável, submersos na VRC, em suas várias formas e motivar possível ampliação de percepções, reflexões e um processo de transformação profética, empoderando assim vigorosas e mais expressivas expressões dos valores propostos pelo Evangelho, descortinando um horizonte esperançoso.

Com este propósito, irmãs e irmãos, imbuídas/os de responsabilidade, almejando maior vitalidade, sentido e satisfação de sermos consagradas/os, desembacemos as lentes de nossa mentes e corações e na ótica de uma conversão pessoal, comunitária e institucional em chave sinodal consideremos alguns aspectos de nosso viver que poderão ser mais humanos e humanizadores.

Dentre tantos, queremos destacar o clericalismo que, segundo o Papa Francisco em sua fala aos jovens italianos (2018), “é uma perversão na Igreja”. Essa incisiva afirmação deve-se ao fato do clericalismo, tanto clerical como laical, constituir uma das formas mais brutais de anti-sinodalidade ou de violência abusiva da dignidade humana.

Como o clericalismo é alicerçado no exercício do poder de forma vertical e autoritária, muitas pessoas, por medo, falso “respeito” e até por certo infantilismo se tornam subservientes e se auto boicotam em suas capacidades e direitos de se expressarem com sinceridade e liberdade de participar e de ser corresponsável comunitariamente. Essa forma de idolatria a quem exerce uma função, cargo, liderança e autoridade motiva submissão opressora, passividade por parte das pessoas lideradas e atitudes e comportamentos fortemente narcisista por parte de quem detém o poder despótico. Relativamente recente, o Papa Francisco (2023) afirmou categoricamente que “chegou a hora de pastores e leigos caminharem juntos em cada âmbito da vida da Igreja, em todas as partes do mundo. Os fiéis leigos não são hóspedes na Igreja, estão em sua casa, por isso são chamados a cuidar da própria casa”.

O clericalismo como uma forma de poder opressor, abusivo e negativamente competitivo constitui um disparador propício para outras formas de violências e abusos, tais como abusos de poder, de consciência ou espiritual, de autoridade como o autoritarismo, institucional, econômico e sexual nas suas múltiplas formas e intensidades, tanto no âmbito da VRC

como nos meios eclesiais em geral. Lamentavelmente, nossa igreja encontra-se pandemicamente enferma e dilacerada, e tem perdido a credibilidade devido o aflorar dos diversos tipos de abusos, acobertados, e ultimamente escancarados por numerosas denúncias e pelos meios midiáticos.

Ampliando o nosso espectro em relação a anti-sinodalidade importante se torna pontuar que o clericalismo não é o único vilão sanguessuga da sinodalidade. Disseminados e, muitas vezes “cosmeticamente domesticados” no decorrer da história, há alguns tubarões predadores sorrateiros alojados nas profundezas de nossas concepções, estruturas e práticas cotidianas, formativas, religiosas, decisórias e pastorais. Há tempo Jesus nos alertou: “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores” (Mt 7,15).

À essa altura destas reflexões e análises certamente alguém está se questionamento: Em meio a tantos emaranhados, por onde e como começar o exorcismo e a prevenção do clericalismo, das violências e da diversidade de abusos? Irmãs e irmãos, revisitemos nossa memória e jamais esqueçamos que, todas as grandes realizações começaram com uma in-

tuição, uma tomada de consciência, seguida do cultivo de um forte desejo de concretizar o almejado, a partir de pequenas práticas que aos poucos se expandiram e re-verberaram. Um imenso oceano é formado de minúsculas gotículas de água, que isoladas podem ser consideradas até insignificantes.

Depois do clericalismo, há outras práticas sorrateiras que também queremos assinalar:

- a) Uma formação uniforme, monofocal e intra institucional sem uma visão sistêmica, eclesial atualizada, interdisciplinar, intercultural, intercongregacional, intergeracional, interinstitucional e não personalizada, ignorando o processo individual de cada pessoa: sua história, idade, necessidades, desejos, experiências profissionais, saberes prévios, cultura, experiências;
- b) A indiferença por “surdez ou cegueiras intencionais” e o desrespeito às solicitações e justas necessidades específicas;
- c) O minar e o não reconhecer os processos criativos e os diversos dons necessários ao bem comum dinâmico e as perseguições por ciúmes ou inveja;
- d) O verticalismo decisório e as transferências autoritárias, impositivas e não dialogais e a tomada de decisões pela

maioria, assim abrindo brechas para partidarismos, ideologias dominantes e disputas de poder-domínio e de extermínio das expressões minoritárias, porém não menos importantes;

- e) Planejamentos inflexíveis, que ignoram as necessidades, as experiências de vida, potencialidades e as condições das pessoas destinatárias;
- f) A não inclusão de pareceres dos/as Animadores/as Vocacionais, Formadores/as e Comunidades Formadoras e Comunidades Eclesiais na aprovação de formandos/as iniciais em relação à mudança de etapas ou para admissão aos votos e ordenações;
- g) Humilhações, xingamentos, apelidos ferinos, comparações negativas, desprezos;
- h) Discriminações com base na nacionalidade, contexto cultural, etnia, gênero, fator econômico e de origem, numa mescla de aporofobia, xenofobia, homofobia;
- i) Manipulações e chantagens emocionais através de induções, pressões, intimidações, favores especiais e jogos afetivos;
- j) Ausente ou insuficiente formação ética e legal a respeito do uso dos MCS / tecnologia e responsabilidades legais.

## Pistas preventivas

Após elencar diversas práticas anti-sinodais, indicamos algumas sugestões, que talvez possam prevenir ou não reforçarem anti-sinodalidade:

- a. Deixar-se conduzir pelo sopro do Espírito Santo que nos convida a um processo ininterrupto de conversão pessoal, pastoral, reforma estrutural e cultural de todos os seguimentos da Igreja e da VRC a partir da intimidade com Jesus Cristo, segundo seu mandato: “Permanecei em mim” (Jo 15,4);
- b. Acolher a diversidade dos dons (Cf. 1 Cor 12, 4-7) e a riqueza das culturas;
- c. Incentivar e promover a corresponsabilidade na diversidade de atividades congregacionais e apostólicas;
- d. Impulsionar o trilhar caminhos de conhecimento mútuo e de partilha em vista a uma vida em comum humanizadora;
- e. Desenvolver práticas de discernimento comunitário sob a liderança do Espírito Santo;
- f. Adotar medidas preventivas às violências e abusos, assumindo efetivamente Protocolos de Proteção de Crianças, Adolescentes e Pessoas em

- condições de vulnerabilidade recomendado pelo Papa Francisco, colocando em ação as orientações do *Motu Proprio* sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis 2019);
- g. Fortalecer a corresponsabilidade do cuidado humano, espiritual e pastoral encorajando e empoderando as pessoas no seu processo de desenvolvimento integral e do serviço que é, “em grande parte, cuidar da fragilidade” (FT, n. 115);
  - hy. Estudar e zelar pela implementação de todas as condutas propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pelo Estatuto da Pessoa Idosa em nossas comunidades religiosas e pastorais;
  - i. Traçar caminhos viáveis que favoreçam os processos de reconciliação, superação de injustiças e de trincheiras, muros e divisões estéreis em vista à comunhão como uma força impulsionadora que irradia e transborda no testemunho os valores do Reino;
  - j. Mergulhar na sociedade secularizadamente plural e nas grandes mudanças culturais e multidinâmicas que perpassam o tecido social tão dilacerado como pessoas sinodais iluminadas pela fé cristã;
  - k. Fomentar a cultura do encontro e do acolhimento, do cuidado, do convívio e do bom trato por meio da escuta, diálogo, respeito, inclusão dos diferentes e das diferenças, educando-nos para a sororidade e a fraternidade;
  - l. Rever e resignificar nossas prioridades, ritmo e estilo de relações, organizações e estruturas numa chave sinodal;
  - m. Potencializar todas as experiências sinodais já existentes como capítulos locais e congregacionais, rotatividade das funções, transferências dialogadas, discernimento comunitário, equipes interdisciplinares, envolvendo leigos qualificados nas atividades congregacionais;
  - n. Banir, consciente e intencionalmente de nossas atitudes, comportamentos e práticas de toda espécie e nível de manutenção e “revência mórbida e insana” ao clericalismo laical, religioso e clerical;
  - o. Escutar, discernir e agir pedagogicamente, como eterno aprendizes, cômicos de que a vida discipular e missionária sofre numerosos e contínuos

- impactos, nem sempre compatíveis com os valores cristãos e o estilo da VRC;
- p. Tecer uma espiritualidade e uma cultura e práticas sinodais, a partir do discernimento pessoal e comunitário com a intencionalidade de oferecer processos formativos e pastorais adequados e condizentes às interpelações e desafios dos tempos atuais;
  - q. Ampliar a consciência e as formas de cuidado com a casa comum e com seus habitantes, especialmente, os que se encontram em condições de vulnerabilidade, desenraizados, sem voz e sem vez;
  - r. Promover círculos de comunicações e de experiências sinodais viáveis;
  - s. Oportunizar espaços seguros e sãos, de convivência pacífica, objetivando o aumento da confiança, credibilidade eclesial e religiosa e do vínculo de pertença corresponsável;
  - t. Aprofundar as referências teológicas, espirituais e pastorais que impulsionam o desdobramento do processo sinodal em nossas práticas cotidianas;
  - u. Desnaturalizar o relativismo, as violências e os abusos diversos.

## Elementos conclusivos

Considerando a sinodalidade como um elemento determinante das relações humanas humanizadoras e reconhecedora da dignidade da *pessoa imagem de Deus* (CTI, 2004), com a mesma dignidade batismal, podemos afirmar que as práticas sinodais são inegáveis antídotos e preventivos eficazes a todas as formas e níveis de violências auto infligidas, interpessoais, institucionais, estruturais, culturais, sociais e sistêmicas.

Inegavelmente, temos um longo caminho ainda a percorrermos, alimentando um ininterrupto itinerário de conversão, pessoal, comunitária, institucional, estrutural, eclesial, cultural e pastoral centrados no seguimento discipular e missionário de Jesus Cristo que nos agraciou com o mandato: “Todo aquele que quiser, entre vós, fazer-se grande, que seja vosso serviçal; e qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo, bem como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mt 20, 26b).

Não desanimemos, Irmãs e Irmãos! prossigamos com confiança, paciência, perseverança criativa, audácia e respeito aos diferentes

ritmos, cultivando a mentalidade e o estilo sinodal com linguagem renovada e inculturada. A jornada humana é um contínuo processo de conversões e aprendizagens sucessivas e sinuosas, entre ondas agradavelmente sonoras alternadas por ondas revoltas e amedrontadoras do tecer histórico. Continuemos no empenho por assumirmos o estilo sinodal de ser, realisticamente firmes, sem desânimo, na esperança e no dinamismo do verbo esperar, entre muitas feridas históricas abertas, contradições, limites e contínuas interpelações socioculturais, mas seguramente enxertadas/os em Jesus Cristo. Tomemos a sério os seus mandatos:

- a) “Permaneça no meu amor” (Jo 15,9);
- b) “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4);
- c) “Não temas, pois eu estou com você; não tenha medo, pois eu sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa”. (Is 41,10).

Alarguemos o espaço de nossas tendas, estendamos bem suas lonas, estiquemos suas cordas, firmemos suas estacas. (Is 54,2) lembrando-nos que “ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha.” (Mt 9,16).

### Para conversar em comunidade:

1. Que práticas sinodais podemos assumir comunitariamente para que haja mais acolhida, participação espontânea e entusiasmo em ser consagrada/o pela missão?
2. Em quais aspectos nossa organização comunitária e nossos processos formativos favorecem a condição de vulnerabilidade e atitudes passivas dos membros da comunidade e das/os formandas/os?
3. Como podemos reconciliar dinamicamente a corresponsabilidade, a autoridade e a participação?
4. Como temos articulado a comunhão, a participação e a missão, pilares do Sínodo, em nossos relacionamentos, organizações e práticas cotidianas?

## Referências

47

- CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo, Paulinas, 2007.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL (CTI). **Comunhão e serviço: A pessoa humana criada à imagem de Deus**. 2004. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/cti\\_documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20040723\\_communion-stewardship\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20040723_communion-stewardship_po.html).
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FRANCISCO Papa. Sinodalidade não é um slogan, significa essencialmente "caminhar juntos". **Vatican News**, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-09/papa-francisco-encontro-diocese-roma-sinodalidade.html> Acesso em: 08 set. 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a Fraternidade Social e a Amizade Social. São Paulo, Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Motu Próprio sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis**. Roma, 26/03/2019. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu\\_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190326\\_latutela-deiminori.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20190326_latutela-deiminori.html).
- FRANCISCO, Papa. Os leigos não são "hóspedes" em sua própria casa. O clericalismo é uma praga. **Vatican News**, 13 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-leigos-sinodalidade-corresponsabilidade-pastores.html>. Acesso em: 08 set. 2023.
- INSTRUMENTUM LABORIS do Sínodo para a Amazônia*. Vaticano, 19 de junho de 2019. Disponível em: <http://secretariat.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/instrumentum-laboris-do-sinodo-amazonico.html> Acesso em: 01 set. 2023.
- OLIVEIRA, Renato Alves. A Trindade como fundamento teológico da sinodalidade. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 248-279, jan./jun. 2022.

# PROFOLIDER 124

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros São José -  
Salvador, BA*

*De 17 de outubro a 26 de  
novembro de 2024*



# A MEMORIA IESU: O SOL DA IGREJA EM TEMPOS DE CRISE E SEMPRE

Pe. Vinícius Augusto Teixeira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo convida à redescoberta da centralidade de Jesus Cristo como eixo norteador da vida da Igreja, critério decisivo de seu processo de conversão e inspiração permanente de sua missão em meio às crises e perplexidades do momento presente e em todas as circunstâncias. Neste terreno, a Vida Consagrada desempenha um papel fundamental, uma que se reconhece chamada a semear vitalidade e esperança, testemunhando a fecundidade e a radicalidade da *sequela Christi* como memória e profecia de uma existência modelada pelos valores do Reino e iluminada pelo Sentido derradeiro da história.

**Palavras-chave:** Jesus Cristo, Evangelho, Igreja, missão e conversão.

## Introdução

Em todas as épocas da história, a Igreja e a Vida Consagrada atravessam vales tortuosos e noites escuras, caracterizados

por instabilidades, sobressaltos e riscos os mais diversos. Enquanto tal, a crise é uma realidade inevitável. Importa saber como a assumimos e a enfrentamos dentro de cada circunstância em que nos

---

<sup>1</sup> Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas). Endereço para contato: [viniciusaugustocm@gmail.com](mailto:viniciusaugustocm@gmail.com)

toca viver e testemunhar o que somos chamados a ser. Em que ou em quem nos apoiamos? Quais os princípios que nos orientam e animam? Que valores internalizamos e irradiamos? Onde se enraíza e se nutre a mística que nos reúne e nos move? Partindo do chamado *mysterium lunae*, tematizado pelos Padres da Igreja, queremos centrar-nos naquilo que o cristianismo – e nele a Vida Consagrada – tem de mais essencial e determinante, de mais genuíno e revitalizador: a *memoria Iesu*. Aí se encontra, de fato, a experiência vital, o eixo norteador e a força motriz de todo processo de conversão e reforma eclesial a que nos convida o percurso sinodal proposto pelo Papa Francisco.

## Mysterium lunae

Não se pode compreender a Igreja – seu mistério, sua natureza, sua missão – a não ser mediante uma total e permanente referência a Jesus Cristo. A ela se aplicam, de modo radical e decisivo, as palavras do apóstolo: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Para expressar essa dependência da Igreja em relação a Cristo, alguns Padres – a começar de Orígenes (séc. III), no Oriente, e de Santo Ambrósio (séc. IV), no

Ocidente – pautando-se talvez em alegorias e analogias provenientes do mundo grego, serviram-se da imagem da lua que recebe do sol a luz que a faz resplandecer na escuridão da noite. Este é, pois, o assim denominado *mysterium lunae*. Na ótica dos Padres, as realidades visíveis do sol e da lua foram criadas para exprimir a realidade invisível da relação intrínseca entre Jesus Cristo e a Igreja. Com efeito, escreve Orígenes:

Como se diz do sol e da lua que são os dois grandes luminares do firmamento do céu, assim também, para nós, Cristo e a Igreja (...). Como o sol e a lua iluminam nossos corpos, assim Cristo e a Igreja iluminam nossas almas. (Homilias sobre o Gênesis I, 7).

A Igreja não tem luz própria. Sem a luz que procede de Jesus Cristo, resta-lhe apenas a opacidade de uma existência desprovida de substância, significado e relevância. “*Fulget Ecclesia non suo sed Christi lumine*”, escreve o mesmo Ambrósio (*Hexameron IV, 2, 8*). A missão da Igreja consiste em iluminar e aquecer o mundo com a mesma luz que a ilumina e aquece por dentro. Por isso, cabe-lhe fazer-se sempre receptiva ao Sol que é Cristo, dado que sua capacidade de iluminar e aquecer deriva de seu estar voltada para

ele, de seu expor-se à luz que lhe vem de seu Senhor, de seu constante confronto com a *memoria Iesu*, cuja chave de compreensão se encontra no evento pascal, testemunhado pelos cristãos das origens (cf. At 10,37-43; 2,32-36).

Do ponto de vista astronômico, a lua entra na fase chamada *nova*, a menos reluzente desde a perspectiva da Terra, precisamente quando se encontra mais próxima ao sol, quando mais estreitamente se une a ele. Por outro lado, a lua cheia, a que brilha com maior intensidade no firmamento, corresponde àquela fase em que a lua se situa mais distante do sol, deixando, portanto, a Terra mais exposta à sua luz e calor. Como os Padres interpretam o escondimento da lua como imagem prefigurativa da Igreja? Por que a lua nem sempre refulge, nem sempre projeta sobre a terra a luz que lhe vem do sol? Por que, às vezes, a lua parece esmaecida, apagada ou morta? Chegamos, então, ao que H. Rahner (1900-1968) denominou o mistério da *Chiesa morrente*. Esta “morte” aparente ou esta “obscuridade” da Igreja deve sinalizar, na realidade, sua mais íntima união com o Senhor em momentos de declínio, crise, sofrimento ou perseguição. E é desta união vital e profunda, é desta conjugação com o Sol, que a Igreja pode haurir o vigor para recomen-

çar o movimento e assim alcançar o vértice da lua cheia, brilhando no firmamento com todo fulgor recebido anteriormente do Astro Luminoso e transmitindo ao mundo a fecundidade que lhe vem de sua fonte. É, pois, da plenitude de Cristo que a Igreja recebe sua graça e verdade (Jo 1,16).

É ainda Santo Ambrósio quem sublinha a dialética entre o eclipse da Igreja ou de seu escondimento em Cristo e a conseqüente irradiação de seu esplendor na noite do mundo. Demos, pois, a palavra ao douto e zeloso bispo de Milão:

A Igreja dirige do alto seus vislumbres, muitas vezes se eclipsa e muitas vezes desponta como a lua, mas, em virtude de seus eclipses, cresceu e mereceu engrandecer-se, encolhendo-se pelas perseguições e sendo coroada pelos testemunhos de seus heróis da fé. Ela é a verdadeira Lua, que da luz indefectível de seu Irmão [o Sol-Cristo] extrai a luz da imortalidade e da graça. A Igreja resplandece não por sua própria luz, mas pela de Cristo, e recebe seu esplendor do ‘Sol da Justiça’, a ponto de poder dizer: ‘Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo quem vive em mim’ (*Hexaemeron IV, 2, 8*).

Na escuridão da história, na noite do tempo, quando o mundo parece rodeado de espessas nuvens, a Igreja deve cintilar com a

luz recebida de seu Sol, circundada das estrelas que são os santos, as testemunhas fiéis do Ressuscitado (Ap 7,9-10). Mas esta luz a Igreja só capta e reflete quando se oculta no sol que é Cristo, naquele que a faz fecunda e resplandecente, com a condição de que ela se deixe interpelar e transformar pelo espírito de Jesus, desaparecendo para que ele transpareça como “a luz do mundo” (Jo 8,12), “a luz verdadeira que ilumina todo homem” (Jo 1,9).

Com efeito, assim como, por sua encarnação redentora e por sua morte de cruz, o Filho de Deus desceu ao mais profundo abismo e à mais densa escuridão, a fim de gerar a vida nova e dissipar as trevas do mundo com a aurora radiosa de sua glória e do fogo abrasador de seu Espírito, assim a Igreja (e nela cada um de seus membros), no seguimento fiel de seu Senhor, enfrentando provações e adversidades, é chamada a morrer nele e a ressuscitar com ele para a vida em plenitude, experimentando a força regeneradora de seu amor sponsal, participando intimamente de seu mistério pascal e compartilhando seus frutos de salvação (Jo 12,24). Explica o mesmo Santo Ambrósio:

A Igreja tem também suas fases, a da perseguição e a da tranquilidade. Com efeito, tal como a lua, parece eclipsar-se, mas, na

realidade, não se eclipsa. Pode esconder-se dos olhares, mas não desaparece, porque – ainda que seja verdade que, durante as perseguições, ela diminui – porque alguém se separa dela, isso acontece para que cresça pelo testemunho dos mártires e, feita esplêndida pelas vitórias daqueles que derramam o sangue por Cristo, expanda por todo o mundo um mais intenso clarão de piedade e de fé” (*Hexameron IV, 2, 9*).

Uma Igreja provada e ferida, cuja imagem se acha obscurecida, encontra em tais circunstâncias uma oportunidade de haurir fecundidade, luz e calor de sua imersão no mistério de Cristo, de sua proximidade com o Sol que nasce do alto, de sua comunhão total com seu Senhor, do abraço do Crucificado-Ressuscitado. A razão de ser e atuar da Igreja, sua identidade mais radical, não se robustece da genialidade de seus mentores, nem das disposições de seus hierarcas, nem das invenções de seus artífices, nem tampouco se empalidece com as críticas de seus detratores, nem com as incoerências de seus membros. A fonte de sua luz é o Cristo, aquele que a sustenta e impulsiona, fazendo-a luzir para a glória de Deus e para o bem e a salvação do gênero humano e de toda a criação (Mt 5,16). Importa, pois, que a Igreja esteja sempre com

aquele que jamais deixa de estar com ela, segundo sua promessa (Mt 28,20). Então, de *luna morrente*, escondida com Cristo em Deus (Cl 3,3), fulgirá como *luna partoriente*, porque feita capaz de gerar novos filhos, sempre aquecida e iluminada pelo Sol eterno.

Da contemplação do *mysterium lunae*, depreende-se que, para ser revitalizada em sua missão, a Igreja precisa primeiro interiorizar sua identidade no retorno ao essencial do Evangelho, isto é, no encontro com Jesus Cristo e no confronto com sua memória salvadora, da qual foi constituída depositária, mensageira e reflexo. No fim dos tempos, lembram ainda os Padres, tendo levado a bom termo a missão que lhe incumbe, a Igreja poderá então desaparecer, totalmente assunta no esplendor da glória eterna, já que não lhe compete ser o termo último da história. Imersa, assim, na luz sem ocaso de seu Senhor, ela será enfim a “lua radiante”.

## O astro luminoso: Jesus Cristo

Mas o que significa esta imersão da Igreja no mistério de Cristo? Como se efetua este seu “escondimento” no Sol para fulgurar com a luz que lhe vem de seu Mestre e Senhor?

Desde suas origens, o princípio de atração e agregação da comunidade cristã consiste em reconhecer como Senhor e Cristo aquele Jesus de Nazaré que, enviado pelo Pai e ungido pelo Espírito, passou entre nós fazendo o bem, anunciando o Reino de Deus com obras e palavras, foi incompreendido, perseguido e condenado injustamente, entregou sua vida em um gesto radical de amor e venceu o mal e a morte com sua ressurreição. Nele e por ele, foi-nos dada a salvação (At 4,12). Com efeito, depois da ressurreição, sob o impulso do Espírito Santo, os discípulos lançaram um olhar retrospectivo sobre o itinerário de Jesus de Nazaré, recuperando, por assim dizer, tudo o que ele viveu, fez e ensinou, desde a Galileia até Jerusalém (At 10,37-43; 2,32-36; Jo 14,26). Tal memória, ao colocar em evidência a relação ontológica entre o Jesus histórico e o Cristo-Senhor, constitui o ponto de partida da fé professada pela Igreja e o polo fundante e permanente da vida cristã, de sua práxis, de seu testemunho e de seu anúncio.

Em síntese, a Igreja se identifica como a comunidade constituída em torno da memória de Jesus Cristo, o Crucificado-Ressuscitado, que, depois de ter vivido sua particular história, vive para sempre na glória e, por meio

de seu Espírito, acompanha, ilumina e orienta a comunidade de seus discípulos de todos os tempos e lugares. O cristianismo é, pois, eminentemente *anamnético*: “Lembra-te de Jesus Cristo ressuscitado dentre os mortos...” (2Tm 2,8). Qualquer tradição que se pretenda genuinamente cristã precisa reportar-se a essa memória pascal, isto é, internalizar e reavivar essa síntese originária e primordial, na qual não há a menor cisão entre a historicidade de Jesus de Nazaré – sua vida, conduta, mensagem, missão e morte – e o senhorio do Cristo Ressuscitado.

Ontem e hoje, é do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo vivo e atuante entre os seus que nasce a disposição de segui-lo, de participar de sua vida, de deixar-se formar por sua palavra e exemplo (discipulado) e, assim, continuar sua obra de amor, comunicando aos outros a alegria de tê-lo descoberto (missão) (Jo 1,35-44). Encontrar e seguir a Cristo, deixar-se encontrar por ele e responder ao convite que ele nos dirige para acompanhá-lo na sementeira do Reino implica testemunhá-lo com a verdade de uma existência transfigurada pela contemplação de seu rosto, com a retidão de uma consciência iluminada pela fé e a generosidade de um coração abrasado pelo

amor (Lc 9,28-36). Trata-se, pois, de aprofundar na própria vida e compartilhar com os irmãos a fascinante experiência de que Deus é amor e nos chama à plena realização que só o amor aprendido de Jesus é capaz de proporcionar a quem nele permanece para produzir frutos (1Jo 4,7-21; Jo 15,1-17). Não será demais recordar as palavras com que o Papa Bento XVI sintetizou a perene novidade do cristianismo:

Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. (*Deus caritas est*, n. 1).

Eis aí, pois, o elemento constitutivo e basilar de toda a vida cristã e, portanto, da identidade da Igreja e de sua missão na história: receber de Cristo o amor que deve impregnar e configurar todas as suas ações e palavras, opções e renúncias, estruturas e obras, iniciativas e projetos. Dizia com acerto Santo Agostinho: “Cristo é formado naquele que recebe a forma de Cristo. Recebe a forma de Cristo aquele que adere a Cristo com amor espiritual. Disto decorre que, imitando-o, se

torne o que ele é, na medida que lhe é possível” (*Comentário sobre a Carta aos Gálatas*, n. 37). Trata-se, portanto, não apenas de um princípio originante, historicamente situado, mas sobretudo de um *princípio identitário*, que se afirma como luz para ver, critério para julgar e inspiração para agir.

Isso quer dizer que o ser cristão – por seu próprio enraizamento na história de um homem no qual Deus se revela e que se revela como Deus – nutre-se de um evento fundador que se faz *memória perene e implicativa*, capaz de reler o passado do Nazareno à luz do evento pascal, encorajar o presente daqueles que o seguem e descortinar o futuro que o Ressuscitado nos abriu como autor e realizador de nossa fé (Hb 12,2). A *memória Iesu* manifesta, então, seu caráter *performativo*, porque modela a existência cristã e impulsiona seu testemunho, um testemunho que é, na realidade, transparência e irradiação da verdade do Evangelho, acolhida e vivida por quem se deixou seduzir e alcançar por Cristo e dele recebe a luz que se difunde em suas obras, gestos e palavras, no dom total de uma vida descentrada de si mesma e livremente doada aos outros.

A *memória Iesu* se apresenta, portanto, como *anamnesis* da história do Filho de Deus narra-

da pelas tradições que a consignaram e transmitiram, tal como a descobrimos nos evangelhos: a vida inteiramente doada de Jesus, seu ser para o Pai e para os irmãos, sua cotidianidade em Nazaré, seu estilo despojado de honras e privilégios, seu profetismo missionário na Galileia, seu recolhimento orante no alto da montanha, sua convivialidade em Betânia, sua opção fundamental pelo Reino, sua gratuidade no servir, sua predileção pelos pobres, sua compaixão pelos sofredores, sua misericórdia para com os pecadores, sua entrega na cruz, sua ressurreição, o dom do Espírito... A essa sua forma de existência, ao seu mistério e ministério, Jesus associa seus discípulos de modo muito estreito, tornando-os seus continuadores e herdeiros de sua filiação divina (Mc 6,8-11; Mt 10,5-15; Lc 9,2-5; 10,2-12; Jo 20,17; Rm 8,16-17).

Por conseguinte, como depositários da *memória Iesu*, os cristãos de todos os tempos se reconhecem chamados a viver segundo o estilo de vida de Jesus de Nazaré confessado como *o Cristo* (At 10,37-43). Isso implica fazer memória do caminho percorrido por Jesus com seus discípulos, sem falsificar sua pessoa, nem atenuar as exigências de seu projeto, procurando imbuir-se de seus sentimentos e atitudes mais profundos (Fl 2,5).

Nisto consiste o seguimento de Jesus: acompanhar seus passos, deixar-se fascinar e mover pelo projeto que decorre de sua práxis e de sua pregação, no espírito das bem-aventuranças; aprender de sua confiança indeclinável no amor do Pai em todas as circunstâncias da vida, nas manhãs ensolaradas e nas noites escuras, nas consolações e desolações de seu caminho de doação e serviço; acolher com gratidão e reverência filial o Deus que se revela em Jesus como o Deus conosco e para nós, o Pai bondoso e compassivo, o Criador amigo da vida, sempre voltado para suas criaturas; carregar a cruz no caminho traçado pelo Mestre, arcando com as consequências da paixão pela justiça e pela verdade, do empenho pela fraternidade e pela paz, da defesa dos indefesos e maltratados; crer, enfim, que Jesus vive para sempre e é o fundamento de nossa esperança, já que, no Ressuscitado, foi potencialmente vencida toda negatividade do coração humano e do mundo e foi-nos assegurado o futuro promissor da eternidade. Em Cristo, enfim, o ser humano descobre sua máxima realização, como recordou o Vaticano II: “A Igreja acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece aos homens por seu Espírito a luz e a força para poderem

corresponder à sua altíssima vocação” (GS, n. 10).

Assim, manter viva e palpitante a memória de Jesus não se restringe a uma confissão doutrinária, nem a um conhecimento meramente teórico de seu percurso histórico, nem a uma emotividade superficial e momentânea, nem a uma volta melancólica a um passado sepultado nas areias do tempo. Trata-se de uma adesão total e empenhativa, um livre assentimento da inteligência e do coração para viver segundo seu Evangelho, ou seja, de acordo com a boa notícia que se irradia de sua vida e do que ela nos revela a respeito de Deus e do ser humano. Trata-se, portanto, de deixar que “Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor” (Ef 3,17). Dito de outro modo, a memória do Salvador tem para seus discípulos *força indicativa*: aponta para o sentido da vida e abre o caminho que a ele conduz; *força ordenadora*: estabelece uma escala de valores sobre os quais alicerçar a existência; *força transformadora*: forja nossa humanidade, colocando em evidência a bondade e a beleza de que ela é portadora; *força educativa*: instrui-nos no amor que deve pautar nossas relações e ações; *força persuasiva*: convence-nos da verdade sobre Deus e so-



bre o ser humano e convida-nos a abraçar o dom da *filiação* e o desafio da *fraternidade*.

Sem uma permanente referência à pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo, a Igreja não pode subsistir enquanto tal. Para a comunidade eclesial – nascida do coração do Crucificado-Ressuscitado e reunida pelo Espírito que a edifica – manter desperta a memória de Jesus corresponde a uma necessidade vital e a uma tarefa inegociável, sem a qual sua identidade se diluiria até desaparecer como o orvalho da manhã, restando-lhe apenas uma sobrevivência artificial, estéril ou vegetativa, ainda que encoberta por invólucros ideológicos, aparatos triunfalistas, discursos grandiloquentes ou eficientes estratégias organizativas. Com efeito, nada disso serve de critério definitivo de fidelidade evangélica. Como escreveu Congar (1904-1995), importa “revisar as formas concretas da existência eclesial por meio de um retorno integral ao Evangelho”.

Por tudo isso, a *memoria Iesu* é o Sol que ilumina a Lua-Igreja, é seu maior patrimônio, seu princípio unificador, é a realidade que a inspira e interpela sem cessar, apresentando-se não raro como uma “memória perigosa” (Metz) e desencadeando em seus membros

uma crise benfazeja, entendida como apelo à conversão, ao descentramento de si e ao crescimento contínuo. Resta, pois, à Igreja expor-se sempre mais a essa memória e examinar-se à sua luz, de modo a mantê-la sempre pujante em seu interior e testemunhá-la de modo convicto e convincente dentro dos diferentes contextos em que sua missão se desenvolve. De sua fidelidade à memória de Jesus, à sua *forma vitae*, e de sua inserção criativa nas realidades humanas e históricas, dependerão a coerência e a credibilidade da Igreja em face do mundo contemporâneo. Vale, pois, ter presente aquilo que escreveu Dom Tonino Bello (1935-1993), pastor da Igreja servidora, a *Igreja do avental*, como ele gostava de dizer, ao sublinhar a necessidade de uma profunda e constante relação com Cristo como condição de possibilidade e de fertilidade da caridade pastoral e do ardor missionário:

Em primeiro lugar, não somos nós que levamos Cristo em nós, é Cristo quem nos leva em si”. Daí a urgência de “abandonar-se inteiramente a Jesus Cristo para anunciar verdadeiramente o Reino nas estradas do mundo. (p. 33.44).

## O astro iluminado: a Igreja

Em todas as fases da história da Igreja, particularmente nesta que nos toca viver – marcada por tantas rupturas e esgarçamentos no tecido eclesial, por polarizações exasperadas, oposições infundadas, posturas entrincheiradas, abusos intoleráveis e, acima de tudo, pela crise de fé que se acha na origem, no meio e no termo de todos esses fenômenos – não podemos prescindir de uma profunda imersão no *mysterium ecclesiae*, cujo centro dinamizador é Jesus Cristo. Tal imersão não nos permitirá reduzir a Igreja a uma mera instituição religiosa e ainda menos a uma estrutura social ou a uma organização qualquer.

Ao contrário, à luz do mistério de Cristo que a faz viver, haveremos de compreender a Igreja como aquilo que ela é em sua natureza mais íntima e em sua manifestação mais genuína: ícone da Trindade Santa, “povo reunido em virtude da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (São Cipriano. *De orat. Dom.*, 23), assembleia (*ecclesia*) dos que foram chamados a constituir o povo de Deus, no seguimento de Jesus Cristo, conduzidos pelo Espírito que estabelece a unidade na diversidade e arroja a missão de fazer germinar as sementes do Reino nos sulcos da história, a ca-

minho de sua plenitude. O Vaticano II, na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, fez-se arauto dessa visão eclesiológica:

A Igreja ‘prosegue sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus’ (Santo Agostinho), anunciando a cruz e a morte do Senhor até que ele venha (cf. 1Cor 11,26). Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, suas aflições e dificuldades tanto internas como externas, e a revelar, velada mas fielmente, seu mistério, até que por fim se manifeste em plena luz. (n. 8).

A figura patristica do *mysterium lunae* (ou da “luz iluminada”, como escreve H. de Lubac) firma-nos na certeza de que a Igreja não pode subsistir sem uma comunhão vital com Jesus Cristo, revelador do Pai e doador do Espírito, de quem recebe tudo o que é chamada a viver e oferecer: a santidade de sua vida, a caridade de suas obras, a autenticidade de seu testemunho, o ardor de sua missão, o conteúdo de sua pregação, etc. Sem imersão no mistério de Cristo e sem o contínuo aprofundamento de sua memória, a Igreja se eclipsa interiormente, encoberta e obscurecida pelas densas névoas das cisões e contradições, infidelidades e crises que se instalam em

seu interior, em razão tanto de possíveis procedimentos escusos por parte de seus membros quanto de perseguições e hostilidades que lhe são impostas de fora. Os santos – desde os mais contemplativos até os mais apostólicos – dão testemunho dessa absoluta primazia da *memoria Iesu* e muitos souberam exprimi-la de modo lapidar. Bastaria cita o belo hino “*Iesus dulcis memoria*”, inspirado em São Bernardo (+1153), ou a “*intima cognitio Jesu Christi*”, de que fala Santo Inácio (+1556) em seus *Exercícios* (n. 232), ou ainda o “*Ressouvenez-vous que nous vivons en Jésus-Christ...*”, que São Vicente de Paulo (+1660) endereça a seus Missionários (SV I, 295).

Só quando se deixa iluminar e interpelar por Cristo, pode a Igreja iluminar e interpelar o mundo no qual está inserida, com o qual se faz solidária e ao qual deve anunciar as insondáveis riquezas do Evangelho para humanizá-lo em profundidade. Cabe-lhe, pois, fazer sua a contundente afirmação do apóstolo: “Para mim, o viver é Cristo” (Fl 1,21). E, quando nos referimos à Igreja, estamos falando de cada diocese, paróquia, comunidade, bem como de cada um de nós batizados, qualquer que seja a vocação específica que tenhamos abraçado [ministros ordenados, consagrados/as, leigos/as], porque todos somos

chamados a uma adesão convicta e apaixonada a Jesus Cristo para deixar-nos formar, reformar e aperfeiçoar por ele, medida do homem novo (Ef 4,13), sem o qual nada podemos fazer (Jo 15,5). E, embora teoricamente convencidos dessa verdade, jamais poderemos dá-la por descontada em nossa vida diária. A centralidade de Jesus Cristo não é simplesmente uma premissa essencial ou um preceito doutrinal, mas sim uma busca crucial e um princípio performativo, mesmo quando não há nada de novo e de surpreendente para dizer sobre o tema.

Por isso, para pensar a Igreja e colaborar com sua desejada reforma ou em seu processo contínuo de conversão (*ecclesia semper reformanda*), é necessário partir de uma radical e vigorosa experiência de fé, cujo eixo é o encontro com Jesus Cristo, aprofundado na escuta da Palavra e na vivência eucarística, isto é, no perscrutar e celebrar sua memória que estabelece o vínculo da caridade entre aqueles que formam seu corpo. Trata-se, pois, de *voltar a Jesus* para revitalizar o “sentido espiritual da Igreja”. De fato, como esclarece M. Kehl, sem esse *sentido espiritual* – que abarca o “fenômeno-Igreja” com suas luzes e sombras mediante uma visão de fé – ficaremos sempre em um nível superficial de compreensão

da identidade da Igreja e não disporemos de vitalidade suficiente para colaborar de modo mais efetivo no processo contínuo de recriação de suas estruturas e posturas. Muito antes, Romano Guardini (1885-1968) já havia advertido: “A Igreja vive no tempo, desenvolve-se e muda como todas as realidades vivas. Contudo, em sua realidade mais profunda, é sempre a mesma e seu núcleo mais íntimo é Cristo”.

Fora do terreno e do horizonte da fé, aquilo que se pretende como uma justa e urgente reforma não passará de uma recauchutagem de escassa confiabilidade e o que se desejaria como uma conversão profunda não será mais do que um verniz que, embora melhorando a aparência, não atinge o âmago, não toca a consciência, não desce ao coração, não questiona a conduta, não ordena a escala de valores, não transforma a crise em oportunidade e não instaura um novo modo de viver, de fazer-se presente e de atuar segundo o estilo de Jesus tal como nos mostram os evangelhos. Em outros termos, “só a redescoberta do profundo, com uma decisiva recuperação da vida interior e dos valores que a acompanham, dará às nossas Igrejas os traços dos ícones: janelas do eterno abertas para a história” (BELLO, 2018, p. 37).

Uma Igreja centrada em Jesus Cristo, voltada para o mundo e fiel à sua missão de evangelizar é, conseqüentemente, uma Igreja descentrada de si mesma, menos preocupada com a manutenção de suas estruturas e mais empenhada em fazer-se “samaritana da humanidade”, como seu Mestre e Senhor. Isso, por um lado, implica vencer as tentações da autorreferencialidade, da autossuficiência, da acomodação, do carreirismo, do clericalismo, do mundanismo espiritual, como nos tem exortado o Papa Francisco. Por outro lado, requer também um renovado esforço de coerência, integridade, lisura e retidão em todos os procedimentos, como também de uma postura compassiva, generosa, solícita e gratuita em face dos dramas, indigências e sofrimentos vividos pelas pessoas, especialmente por aquelas que têm sua dignidade relegada e sua vida maltratada. Só assim, a Igreja poderá apresentar-se como transparência e irradiação da luz de Cristo em meio às noites escuras da história, neste tempo de crescente irrelevância das instituições religiosas, no qual o espectro cultural da fé cristã, que antes possibilitava sua difusão, já não se mostra tão evidente e abrangente como antes.

Como temos afirmado insistentemente, tudo isso requer o deixar-se iluminar pelo Sol que é Cristo, o constante retorno à radical novidade do Evangelho, o fazer-se permeável às exigências do seguimento, o confronto com a memória do Crucificado-Ressuscitado. Ressoa aqui o contundente apelo dos cristãos da primeira hora, em um contexto de grandes desafios e adversidades: “Corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos naquele que é o autor e realizador da fé, Jesus Cristo” (Hb 12,1-2). É, com efeito, a partir da interiorização desse princípio dinâmico e performativo da vida da Igreja que se efetivam e consolidam a *conversão*, a *comunhão* e a *missão* que perfazem o itinerário da Sinodalidade em franca atuação.

## **Conclusão: conversão e missão**

A reforma eclesial a que o Papa nos convoca deve começar por cada pessoa e comunidade. Não pode haver conversão pastoral, institucional ou estrutural sem conversão pessoal e comunitária. O Documento de Puebla (1979) colocou em evidência essa dialética (n. 281). Trata-se, com efeito, de uma hierarquia inscrita no di-

namismo da psicologia humana e de suas interações. Em um passado mais remoto, vigorava uma acentuação quase exclusiva sobre o aspecto individual da conversão. Em tempos mais recentes, talvez como reação à ênfase precedente, prevaleceu (não raro de modo unilateral) a insistência sobre a conversão social e estrutural. O pontificado atual nos tem recordado a importância de encontrar o justo equilíbrio, de tal modo que um polo sempre remeta ao outro, posto que, como recordou o Papa em sua primeira entrevista de longo fôlego (19/8/2013), “as reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude” (note-se que o termo *secundária*, tal como empregado aqui, de modo algum denota menor importância).

Do contrário, trancafiados em um individualismo cerrado e inócuo ou dispersos em um coletivismo sem rostos, sem nomes e sem consistência, corremos o risco de contentar-nos com estereótipos e chavões, sem avançar, ainda que a pequenos passos, na direção de uma conversão profunda, veraz e frutuosa, que se vai ampliando e estendendo como círculos concêntricos emanados de uma experiência vital de encontro com Jesus Cristo, de uma opção fundamen-

tal pelo Reino, capaz de influir e transformar a pessoa, a comunidade, a Igreja e a sociedade.

Compenetrando-nos dessa dialética da conversão integral, mediante a prática do discernimento, haveremos de assimilar e desenvolver as linhas mestras da reforma proposta pelo Papa como balizas de grande ressonância evangélica, de tal modo que o *mundanismo* dê lugar à coerência que se alimenta de uma vida espiritual profunda, a *autorreferencialidade* se dilua na cultura do encontro e na amizade social, o *carreirismo* e o *autoritarismo* sejam suplantados pelo espírito sinodal de comunhão e participação, a *acomodação* e o *imobilismo*, por uma renovada paixão missionária. Desse modo, deixando suas fortalezas de segurança e conforto, a Igreja (que somos nós mesmos!) poderá sair pelos caminhos acidentados que levam de Jerusalém a Jericó (Lc 10,33-37), onde se encontram os caídos e machucados pelo egoísmo, pela indiferença e pela injustiça, a fim de oferecer-lhes o bálsamo da misericórdia, a montaria do cuidado integral e a hospitalidade que a dignidade humana requer para manter-se de pé.

Assim, ser-nos-á dado irradiar a luz de Cristo, ou seja, transmitir a *memória Iesu* de forma significativa e relevante, conta-

giante e provocativa, servindo-nos de uma linguagem adequada e compreensível, mas, acima de tudo, com o testemunho da caridade, concretizado na atenção aos mais vulneráveis e na proteção da Casa Comum, em um estilo eclesial acolhedor e serviçal, menos burocrático e mais compassivo. Contudo, nada disso será possível se não palpita em nosso interior uma sempre renovada adesão a Jesus Cristo, Sol que não declina, o único que ilumina e aquece sua Igreja. As palavras do Papa Francisco não deixam a menor margem à dúvida:

A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por ele que nos impele a amá-lo cada vez mais. Com efeito, um amor que não sentisse a necessidade de falar da pessoa amada, de apresentá-la, de torná-la conhecida, que amor seria? Se não sentimos o desejo intenso de comunicar Jesus, precisamos de nos deter em oração para pedir-lhe que volte a cativar-nos. Precisamos implorá-lo cada dia, pedir sua graça para que abra nosso coração frio e sacuda nossa vida tibia e superficial (...). Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo, que nos permita redescobrir, cada dia, que somos depositários de um bem que humaniza, que ajuda a levar uma vida nova. Não há nada de melhor para transmitir aos outros. (EG, n. 264).

## Para conversar em comunidade:

1. Como se deve entender e aplicar a centralidade de Jesus Cristo na vida e na missão da Igreja?
2. Qual a contribuição que a Vida Consagrada pode oferecer para manter sempre viva e palpitante a *memoria Iesu* no seio da Igreja?
3. Como se articulam a vivência e a transmissão da fé, a conversão e a caridade em nossos dias?

## Referências

- BELLO, Tonino. **Con Cristo sulle strade del mondo**. Trentuno meditazioni per una Chiesa in missione. Milano: San Paolo, 2018.
- BENTO XVI, Papa. **Deus caritas est**. Carta Encíclica sobre o amor cristão. São Paulo: Paulus, 2005.
- CAPIZZI, Nunzio. «La *memoria Iesu*, principio e ΚΡΙΣΙΣ della Chiesa». **Synaxis** XV/1 (2007), pp. 7-28.
- FRANCISCO, Papa.. **Evangelii gaudium**. Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo atual. São Paulo, Paulinas, 2013.
- HURTADO, Manuel. Crer em Jesus Cristo hoje. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 53, n. 284, maio-junho 2012.
- KEHL, Medard. **Dove va la Chiesa?** Una diagnosi del nostro tempo. Brescia: Queriniana, 1998.
- RAHNER, Hugo. **Simboli della Chiesa: l'ecclesiologia dei Padri**. Milano: San Paolo, 1995.

**VRC E ENVELHECIMENTO:  
CUIDANDO DE QUEM  
CUIDA**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

EMAIL: [formacao@crbnacional.org.br](mailto:formacao@crbnacional.org.br)  
Telefone/WhatsApp: (61) 98471-0242

*Casa de Retiros Coração de  
Jesus - Florianópolis, SC*

*De 16 a 21 de junho de  
2024*



# A CRISE NA FORMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Cleyson Fellipe<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca refletir sobre a “atual” crise na formação das novas gerações na Vida Religiosa Consagrada. É uma crise interna, resultado das fragilidades presentes no processo formativo dos/as novos/as religiosos/as. Há uma urgente necessidade de um retorno a Cristo, de uma formação que tenha como meta a conformidade da vida do/a formando/a com a vida de Jesus. Para isso, é preciso, pessoas maduras humanamente e espiritualmente, para acompanharem vocacionalmente os/as jovens que estão nas etapas iniciais e os/as já consagrados/as. Um dos fatores geradores de crises, é o desafio em encontrar consagrados/as qualificados para assumirem a missão de formador/a nas comunidades formativas, por vezes, corre-se o risco de improvisá-los/as, o que de modo algum é aconselhável. O artigo foi dividido em três itens, a saber: O encontro com Cristo e a configuração a Ele, A Vida Religiosa Consagrada como caminho de configuração a Cristo, A necessidade de relações sadias e a formação de formadores na VRC. Para ajudar na reflexão, foram utilizados, além das Sagradas Escrituras, alguns dos documentos da Igreja; no tocante ao processo formativo na VRC e, alguns escritos de teólogos renomados na área como o Pe. Lourenço Kearns e o Pe. Jaldemir Vitório. O referente artigo não tem intenção de esgotar os assuntos abordados, mas de propor uma séria reflexão sobre o tema discutido.

**Palavras-chave:** crise, vida religiosa, configuração, formação, formadores.

---

<sup>1</sup> Religioso Salesiano de Dom Bosco. Licenciado em Filosofia e Pedagogia. Endereço para contato: cleysonfellipe2013@gmail.com

## Introdução

A Vida Religiosa Consagrada é um dom do Espírito Santo para à Igreja de Jesus e para a sociedade. São homens e mulheres que apostam suas vidas no anúncio do Evangelho, através de diversas frentes de evangelização e na vivência de distintos carismas e espiritualidades. Além do mais, são pessoas apaixonadas por Cristo, Ele é a causa, ou melhor, Ele é a única causa que faz valer a pena uma entrega total e definitiva da própria vida.

Queremos neste breve artigo abordar situações que põem em crise o processo formativo dos religiosos e das religiosas. O objetivo disto, é levar-nos a uma reflexão sempre mais profunda das nossas ações e dos impactos causados na vida da Igreja e da sociedade. O Senhor nos chama para vivermos com autenticidade nossa consagração religiosa, não obstante, nossas fragilidades humanas e contradições. Contudo, é aqui, que Ele espera nossa resposta de amor e o nosso desejo sincero de trilharmos constantemente o caminho de conversão, proposto para todos que querem ser discípulos seus.

É sabido da grande responsabilidade que têm os formadores e formadoras, nunca foi tarefa fácil

formar alguém, sobretudo, numa sociedade plural e tão diversificada como a que estamos vivendo atualmente. Entretanto, existem valores dos quais não temos o direito de abrir mão, pois não se forma simplesmente para o Instituto ou para Igreja, forma-se para o Reino. Quem exerce tais funções nas Congregações e comunidades, nunca poderia esquecer, que antes de qualquer coisa, é necessário levar o formando e a formanda, a uma profunda experiência de fé com a pessoa de Jesus.

## O encontro com Cristo e a configuração a Ele

A experiência de encontrar Jesus, não é só requisito para os religiosos e religiosas, mas para todo cristão. A vida cristã nasce e se fortalece na relação com o Senhor. São Marcos, no evangelho que escreveu, afirma-nos que Jesus chamou os seus “para que ficassem com ele” (Mc 3,14). Esta deve ser a primeira atitude de alguém que se decide por Cristo, a saber: querer viver com Ele. Isto não é uma utopia ou simplesmente uma proposta romântica – sentimental. É bem mais! É uma decisão que implica doação de si, conformidade da vida do discípulo com a do Mestre. Caso contrário, não passaremos de meros propagadores da fé ou de um carisma

e espiritualidade. Será que o Senhor precisa disto? Antes, não é o nosso coração que Ele deseja?

Ainda no evangelho segundo Marcos, nos foi narrado o encontro de Jesus com o homem rico (Mc 10,17-23). O primeiro aspecto a ser observado é que Jesus estava a caminho de Jerusalém. Aproximava-se o momento mais angustiante de sua vida: a hora da paixão. Esta é também a hora de todo aquele que se decide por Cristo. Um cristianismo que não tenha a coragem de abraçar a cruz, não tem razão de ser. Sabemos o quanto é difícil aceitar às cruzes que nos são impostas ao longo da vida. Estamos sempre diante da tentação de buscar o que nos é mais confortável, colocando em xeque a nossa identidade religiosa.

Foi neste caminho que apareceu um homem, que humildemente ajoelhou-se diante de Jesus e perguntou: “Bom Mestre que farei para herdar a vida eterna?” (v.18). É interessante notarmos o verbo utilizado na pergunta, *fazer*, “que farei?”. A resposta de Jesus foi além do nível do fazer. Ele não descarta nossas ações, pois sabe que por trás delas, existe o nosso desejo de vida eterna. Contudo, Ele quer bem mais do que as nossas obras, por isso, Ele nos olha com amor, para depois

nos dizer: “vai, vende o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me” (v.21). O que quer Jesus, acima de tudo? Que fiquemos com Ele, que tenhamos a coragem de arriscar tudo o que temos e somos por amor a Ele. Este é o desafio diário da vida cristã e, por sua vez, da Vida Religiosa Consagrada.

O encontro com Jesus, nos desinstala, *quebra as nossas pernas*, nossas falsas seguranças, Tira-nos da ilusão de nos acharmos autossuficientes, senhores de nós mesmos e daquilo que fazemos com a nossa vida. Não é fácil ser cristão, não é fácil ser um religioso/a consagrado/a. Ou damos tudo a Ele ou não damos nada. E é justamente quando o colocamos como centro da nossa vida, que poderemos amar de verdade às pessoas. Disse-nos o Papa Francisco, no Congresso Internacional de Catequese: “quem coloca Cristo no centro da sua vida descentraliza-se! Quanto mais te unes a Jesus e ele se torna o centro da tua vida, tanto mais ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros” (FRANCISCO, 2013). Ser cristão é ter feito a experiência do encontro com o Senhor e, só quem o encontrou na verdade do seu coração, foi capaz de comprometer-se com a proposta do Reino.

## A Vida Religiosa Consagrada como caminho de configuração a Cristo

A Vida Religiosa Consagrada, nada mais é, do que um caminho de configuração a Cristo. No qual, todos os dias somos chamados/as a conversão: “Uma conversão que seja sadia e evangélica, que tenha a pessoa de Jesus Cristo no centro, como modelo. Uma conversão que deixe espaço para o Espírito Santo, para que ele possa indicar as áreas necessárias da conversão” (KEARNS, 1999, p. 27). Este processo se dá primeiramente na vida de cada consagrado/a e, em um segundo momento, perpassa a vida comunitária. Sem um projeto comum de seguimento a Jesus, a vida fraterna se tornará um inferno, pois cada um agirá conforme suas próprias convicções.

Uma das crises da formação na Vida Religiosa Consagrada, é que quase não se fala mais em conversão. A quem diga que seja um discurso ultrapassado e que a sociedade mudou. A sociedade pode até ter mudado, mas os valores que fundamentam a consagração religiosa, permanecem os mesmos. Pouco a pouco, fomos nos adaptando a uma mentalidade autossuficiente, como se não precisássemos de Deus e soubéssemos nos virar muito bem sem Ele. Às ve-

zes tenho a impressão de que alguns religiosos/as não acreditam que o céu seja uma realidade, pois vivem de um modo tão superficial que se tornaram incapazes de reconhecer o Primado do Absoluto como condição fundante da consagração religiosa.

No processo formativo, por vezes, nos deparamos com formadores/as desanimados/as espiritualmente; parecem cansados/as ou mesmo esgotados/as com as inúmeras tarefas que lhes foram incumbidas, para além do cuidado com os formandos/as. Enquanto isso, “vamos levando com a barriga”, neste íterim, perde-se o precioso tempo de ajudar os/as formandos/as a buscarem Cristo e colorarem Nele o sentido da vida. Assim, vamos nos preocupando com o que é periférico. É bem verdade, que em tais contextos, podem existir formandos/as que não cultivaram os valores da vida espiritual, foram se acomodando a realidade e puseram os interesses pessoais acima de Cristo e do Evangelho. Triste fim!

Como poderemos falar de Cristo sem antes experimentá-lo? Como poderemos nos configurar a Ele, se o conhecemos apenas por ouvir falar? É triste a realidade de um consagrado/a que não viva diariamente em intimidade com o Senhor. A vida consagrada se tor-

na um peso, portanto, começa-se a ir em busca de outras compensações, para suprir o vazio interior e a falta de sentido vocacional. Quão desafiadora é a missão dos formadores/as, não é mesmo? São chamados/as a colaborarem com o Espírito Santo, para fazer-nos sempre mais homens e mulheres apaixonados por Cristo e pela sua proposta de salvação. E quando um formador/a não vive uma profunda e autêntica intimidade com o Senhor? A formação se torna superficial, sem profundidade espiritual, sem abertura ao Espírito Santo... Então, para que servirá? Talvez, forme excelentes administradores; grandes intelectuais; exímios pregadores, mas não, discípulos de Cristo. O Padre Jaldemir Vitório, em seu livro: *A formação na Vida Religiosa Consagrada*, ressaltou que

a formação na VRC deve se tornar mistagogia na medida em que se configura como caminho de fé humanizadora, trilhado como corpo apostólico, tendo a perfeição do Deus Trindade como meta [...] Esta perspectiva mistagógica serve de alicerce para o processo formativo, em todas as suas etapas. Quem se dispõe a ajudar os irmãos nessa caminhada assume a função de mistagogo, com todas as exigências de quem peregrina cada dia para Deus (2022, p. 42-43).

O Decreto *Perfectae Caritatis* lembra: “Os religiosos, portanto, fiéis à profissão, deixando tudo por amor de Cristo (Mc 10,28), sigam-no (Mt 19,21) como única coisa necessária (Lc 10,42), ouvindo Sua Palavra (Lc 10,39), solícitos das coisas que são d’Ele (1Cor 7,32)” (PC, n. 5). Tudo o que fazemos deve ser expressão da nossa conformidade com o Senhor e com o seu Evangelho. Para o Papa João Paulo II:

As pessoas consagradas serão missionárias, antes de mais, aprofundando continuamente a consciência de terem sido chamadas e escolhidas por Deus, para quem devem, por isso mesmo, orientar toda a sua vida e oferecer tudo o que são e possuem, libertando-se dos obstáculos que poderiam retardar a resposta total de amor. Dessa forma, poderão tornar-se um verdadeiro sinal de Cristo no mundo. Também o seu estilo de vida deve fazer transparecer o ideal que professam, propondo-se como sinal vivo de Deus e como persuasiva pregação, ainda que muitas vezes silenciosa, do Evangelho (VC, n. 25).

Para isso, os formadores(as) também precisam acompanhar os/as formandos/as. Um acompanhamento sério e personalizado. Escutando-os mais com o coração do que com uma razão fria e calculista. Cristo, serve-se dos

que escolheu para esta missão de acompanhar a formação, para que o caminho de configuração a Ele dos formandos/as na VRC, seja pautado pelo diálogo fraterno; pela sinceridade e honestidade por parte do acompanhante. Necessitando também da abertura e da docilidade do acompanhado. Sendo assim, o próprio discernimento vocacional, se tornará mais evangélico; sem tantos desgastes emocionais e espirituais. Queremos uma VCR, formada sempre mais, por pessoas maduras humanamente e espiritualmente; por homens e mulheres generosos na sua resposta ao Senhor e felizes pela vida que livremente e conscientemente abraçaram: “o processo formativo só atinge seu objetivo ao se configurar como caminho para o Deus vivo e verdadeiro [...] Tanto formadores quanto formandos deverão estar convencidos dessa realidade” (VITORIO, 2022, p. 45).

### **A necessidade de relações sadias e a formação de formadores na VRC**

O ser humano é essencialmente ser em relação. É no contato com o outro que também temos a oportunidade de irmos nos conhecendo, descobrindo nossas fragilidades e o nosso potencial. A VRC é mestra em favorecer a relação

humana entre às pessoas. Desde os primeiros anos da formação inicial, somos incutidos/as numa cultura do ir ao encontro dos/as irmãos/ãs, de nos fazermos presentes na comunidade de um modo afetivo e efetivo. Isto nos amadurece humanamente, nos dá condições de termos mais empatia por aquele/a que parte o pão e senta conosco à mesa; abre o nosso coração para nos solidarizarmos com a dor do irmão/a que sofre, livra-nos do individualismo e de nos acharmos autossuficientes.

Entretanto, nas nossas comunidades também existem muitas relações doentias e, por vezes, contrárias ao Evangelho. Quanto a formação, nem sempre é fácil construir relações sadias, sobretudo, quando se colocam “pessoas doentes” responsáveis pela condução das vidas que ali estão. O pior é quando, além disso, são imaturas afetivamente, não formam para o Reino, mas para os seus interesses mesquinhos e parciais. Subvertem-se valores primordiais da consagração religiosa. Por isso

quando se trata de pensar uma pessoa a quem confiar o acompanhamento das novas vocações, ter em mãos algumas pautas pode ser de grande valia. Em todo o caso, desaconselha-se agir ‘ao deus-dará’, caindo na armadilha da improvisação (VITORIO, 2022, p. 81).

É cada vez mais urgente, a necessidade da preparação de irmãos/as, para assumirem a missão de formadores/as. Esta escolha precisa ser feita de modo responsável. Não se improvisa formadores, antes, os forma; os acompanha; os oferece condições para o seu próprio amadurecimento humano e espiritual. Infelizmente, nem sempre se levam em conta estes fatores, o que tem gerado inúmeros problemas em algumas casas de formação. Assegura-nos o Padre Vitório:

O atual cenário das congregações religiosas mostra-se preocupante quando se trata da escolha de pessoas suficientemente maduras a quem confiar a tarefa da formação das novas vocações. A prudência recomenda a não entregar os formandos a pessoas desqualificadas (VITÓRIO, 2022, p. 88).

A escolha de religiosos/as para assumirem a missão de formadores nas casas de formação, não deve ser baseada em critérios pessoais, aqui, serve-nos, principalmente, o Evangelho, as Constituições de cada Instituto e as diretrizes da Igreja. Não temos dúvidas de que existem características que são fundamentais em alguém que acompanha os formandos/as. Elencamos aqui algumas:

1. *Testemunho de vida de oração* – Um religioso/a que descobriu na relação com o Senhor a força movedora da sua consagração. Por isso, não reza simplesmente para cumprir um preceito, mas por ter convicção que é na oração que ele/a encontra o dinamismo da sua missão. Além do mais, sua vida é continuidade da sua meditação, pois reza de verdade, quem reza a própria vida e faz da vida uma contínua oração;
2. *Capacidade de escuta e discernimento* - Um religioso/a que saiba escutar, não apenas com os ouvidos, mas sobretudo, com o coração. Que tenha capacidade de sofrer com o outro, de sentir a sua dor e, assim, de ajudá-lo a discernir a vontade de Deus. Basta de pessoas frias, amarguradas, cheias de si, dando palpite em tudo e incapazes de parar para ouvir o irmão. É necessário formadores/as que no acompanhamento vocacional saibam colocar à margem seus preconceitos, suas percepções, suas empatias por uns e desprezos por outros;
3. *Afabilidade no tratamento* – Religiosos/as que sejam cordiais, educados, de fino trato. Que não sejam diplomatas, meticulosos, escrupulosos,

homofóbicos etc. Que saibam tratar os formandos como irmãos e, não, como seres inferiores ou como animais que precisam ser domesticados;

4. *Coerência entre o que se diz e o que se faz* – Religiosos/as que tenham testemunho e coerência de vida. Que não sejam contraditórios entre o que dizem e o que fazem. Que forme não apenas por suas palavras, mas em primeiro lugar, pela beleza da sua oferta diária ao Senhor, na simplicidade da vida; na alegria de quem tudo deu a Cristo por amor; na radicalidade evangélica e na compaixão pelos pobres;

Estas são algumas das características que esperamos encontrar nos formadores/as. Bem sabemos, que como nós, eles/as ainda não alcançaram o cume da perfeição, carregam consigo suas fragilidades; os seus medos; suas frustrações. Contudo, buscam crescer no caminho da santidade. Não estamos à procura de formadores/as extraordinários/as e acima de qualquer suspeita, mas de homens e mulheres que acompanhem, favoreçam o protagonismo, irradiem entusiasmo pela missão e, acima de tudo, nos ajudem a ser de Cristo. Não estamos à procura de comunidades formativas ideais, mas de comunidades que favoreçam relações sadias, au-

tênticas, maduras. Não viemos para a VRC para sermos solteiros desiludidos com o amor, pelo contrário, viemos para sermos fecundos no testemunho da nossa consagração; decididos em amar sem distinção e em acolher sem restrições.

Nossas relações só serão sadias e evangélicas quando forem reflexo da nossa relação com Cristo e do nosso compromisso de fé com o Reino. Ele deve estar no centro do coração de um consagrado/a, no centro das relações pessoais e comunitárias de nossas comunidades, no centro da formação inicial e permanente. Só assim, todos nós, formandos/as e formadores/as; seremos mais honestos/as com a nossa consagração religiosa; seremos mais testemunhas da radicalidade evangélica que professamos, que hoje, já não devem ser perceptíveis simplesmente pela eloquência do nosso discurso, mas pela beleza do nosso sorriso; pelo afeto cristão do nosso abraço; pela sinceridade do nosso olhar e, sobretudo, por nosso coração palpitante por Cristo, que hoje é a nossa vida e um dia será o nosso céu.

## Considerações finais

Querido irmão e querida irmã, chegando ao final deste artigo, espero ter contribuído para nossa reflexão. Tenho certeza de que



cada um/a de nós, ama profundamente a vocação que abraçou, não obstante, nossas fragilidades e desvios no caminho rumo a Cristo. O Senhor continua contando conosco, a crise pode ser a oportunidade de olharmos para Ele e repetirmos como Pedro: “Senhor, salva-me!” (Mt 14,30). Salva-me de uma consagração descomprometida Contigo e com o Reino, da mediocridade de uma consagração pautada em meus interesses, de uma fraternidade maquiada por um comunitarismo estéril e distante de Ti.

Nossos sinceros agradecimentos aos religiosos e religiosas que desempenham nas congregações a missão de serem formadores/

as. O Senhor, na sua bondade, conta conosco, para que o Espírito Santo modele o vosso coração e configure-os a Ele. Que nós, formandos/as, saibamos reconhecer a presença de Cristo no nosso processo formativo. Sejam homens e mulheres apaixonados pelo Evangelho. Que todos os consagrados/as, encantem-se por Cristo e encantem ao falar Dele, encantem os jovens do nosso mundo; pela fidelidade ao sim dado diante do altar. Sejam sempre felizes, na certeza de que “sabemos em quem acreditamos” (2Tm 1,12), Ele “nos dará cem vezes mais”, e quando nada mais de efêmero existir; Ele próprio será nossa recompensa (Mt 10, 28-31).

### Para dialogar em comunidade:

1. Como consagrado/a, procuro a cada dia me configurar a Cristo?
2. Quais são as lacunas no processo formativo da minha Congregação?
3. Como posso ajudar para sanar essas lacunas?

### Referências

- FRANCISCO, Papa. A vocação de ser catequista. Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Catequese, Roma, 27 de setembro de 2013. **L'Osservatore Romano**, Roma, 1 ago 2013.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Paulinas, 1996.. .

KEARNS, Lourenço. **A Teologia da Vida Religiosa Consagrada**. Aparecida, SP: Santuário, 1999.

*PERFECTAE CARITATIS*. Decreto sobre a conveniente renovação da Vida Consagrada. Vaticano, 28 de outubro de 1965. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html) Acesso em: 30 de agosto de 2023.

VITÓRIO, Jaldemir. **A formação na Vida Religiosa Consagrada: reflexões para uma pedagogia mistagógica**. São Paulo: Paulinas, 2022.

# A FORMAÇÃO INICIAL EM ANALOGIA COM A INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES E IMPLICAÇÕES

Frei Adriano Borges de Lima<sup>1</sup>

**Resumo:** A Vida Religiosa Consagrada (VRC) desde o Concílio Vaticano II foi provocada a regressar às fontes, a partir de um caminho que também exige adaptação às novas condições do tempo (PC, 2013, n. 2). Mais tarde, a Congregação responsável pela VRC, numa orientação sobre a formação nos Institutos Religiosos, vai afirmar que: “a renovação adequada dos Institutos depende principalmente da formação dos seus membros” (CIVCSVA, 1990, n. 1). Desafiada a uma fidelidade criativa que, guarde o legado e transmita o carisma aos que são chamados hodiernamente, a VRC se vê diante da exigente tarefa de não perder a viva convicção de que, o que garante essa renovação, a qual pretende permanecer fiel à inspiração originária, é a busca de uma conformidade cada vez mais plena com o Senhor. Este desafio incide diretamente, embora não exclusivamente, sobre a formação dos novos consagrados e consagradas. O presente artigo parte da consideração que, rever a metodologia formativa a partir do regresso às fontes é também reconsiderar o processo de Iniciação à Vida Cristã (IVC) como possibilidade metodológica. Consequentemente, a possibilidade da analogia entre ambas propostas faz surgir algumas oportunas considerações e implicações.

**Palavras-chave:** formação inicial; vida consagrada; iniciação cristã; inspiração catecumenal.

---

<sup>1</sup> Frade Menor Capuchinho. Bacharel em Teologia e Filosofia. Especialista em Franciscanismo e Formadores de Seminários e Casas de Formação. Membro Conselho Internacional de Formação da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Formador na etapa do pós-noviciado. Endereço para contato: [adriano.bl78@gmail.com](mailto:adriano.bl78@gmail.com)

## A Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal

Desde os primórdios da Igreja se buscou comunicar a mensagem de Jesus, por meio da catequese, que segundo Francisco Morás “é como um sino que faz chegar longe a mensagem da Palavra de Deus” (2004, p 8). Ao fazer ecoar forte este anúncio, convida todas as pessoas à adesão firme e dedicada ao projeto de Jesus. O Diretório Geral para Catequese indica que de modo geral, sempre foi tarefa principal do processo catequético, ajudar a conhecer, celebrar, viver e contemplar o mistério de Cristo (DGC, 1998). Este processo se dava em um chamado clima mistagógico, cujo termo remete a dois vocábulos gregos: “*mystes*”, que significa mistério, e “*agein*”, que significa conduzir. Portanto, a dinâmica catequética em perspectiva mistagógica remete ao “acompanhamento para descobrir o mistério já presente em cada experiência de vida, para buscar Deus, que não se acrescenta, por assim dizer, ao exterior e como complemento da nossa vida, mas já está presente nela, permanecendo sempre aquele que deve vir” (PAGNUSSAT, 2022, p. 22). Ou seja, o objetivo principal é conduzir através do mistério; iniciar ao conhecimento do mistério;

ou ainda, levar o iniciado a uma adesão integral da pessoa de Jesus Cristo (COSTA, 2012, p. 834).

O catecúmeno, nome dado aquele que era iniciado nos mistérios de Cristo e da Igreja, era introduzido, por meio da liturgia e da catequese, aos chamados sacramentos da iniciação cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), os quais eram a fonte e ápice de todo o processo catecumenal. Já nos primeiros séculos, essa preparação catecumenal supunha etapas: pré-catecumenato (anúncio), catecumenato (discipulado), purificação (preparação próxima aos sacramentos) e mistagogia (experiência sacramental). Daí dizer que “a expressão ‘Iniciação à Vida Cristã’ se refere tanto ao caminho catequético catecumenal de preparação aos sacramentos quanto aos próprios sacramentos que marcam a iniciação e a vida nova que deles nasce” (CNBB, 2019, n. 124).

Como primeira conclusão podemos dizer que o termo iniciação está ligado à experiência da passagem, a um processo de transformação e conformação a Cristo. É caminho de discipulado. Supõe ruptura com a vida anterior, fortalecer as escolhas, pertença a uma comunidade. Liga-se a transformação proveniente do aprendizado de uma experiência

religiosa, que se apresenta ao iniciante como opção definitiva, que transformará sua vida ao assumir a sua identidade cristã.

## As características essenciais da IVC

Aprofundando o tema, dois autores nos ajudam a perceber quais as principais características deste processo chamado IVC, tão presente nos primeiros séculos do cristianismo, mas, também fortemente resgatado na dinâmica catequética atual. A primeira autora é Débora Regina Pupo que aponta cinco principais características, a saber: a) a transmissão viva da revelação cristã; b) os destinatários são adultos convertidos; c) é um itinerário sacramental; d) é um itinerário de aprendizagem marcado pela celebração de ritos de passagem; e) é um itinerário comunitário (PUPO, 2022, p. 13-14). A partir destas características ela faz observar que a catequese de inspiração catecumenal possui em si o seguinte caráter: a) pascal; b) iniciático; c) litúrgico, ritual e simbólico; d) comunitário; e) conversão permanente e de testemunho (PUPO, 2022, p. 19-23).

O segundo autor é o padre Antonio Francisco Lelo que, a partir de um estudo global do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

(RICA), principal instrumento de resgate às fontes catequéticas, aponta os seguintes pontos como expressão essencial do processo catecumenal: a) centralidade do mistério pascal; b) unidade das três etapas; c) o amadurecimento progressivo da fé; d) o anúncio urgente da centralidade e experiência da fé em Jesus Cristo; e) o alto grau de responsabilidade da comunidade; e f) a intensidade e a integridade da formação (LELO, 2008, p. 45-56).

Ambos autores nos ajudam a confirmar que temos aqui uma verdadeira pedagogia da iniciação, na qual três momentos merecem destaque:

1. o anúncio transmitido, cuja centralidade é o mistério pascal, ou seja, a vida de Jesus Cristo. É este primeiro anúncio (*kerigma*) que marca o princípio e o fim desejado para todo processo de iniciação cristã: ser um com Cristo Jesus;
2. os itinerários marcados pelas etapas e suas referências simbólicas, em constante sintonia e unidade, vão formando o caminho do discipulado. Os sacramentos (Batismo, Crisma e Eucaristia) são pontos altos, mas, ao mesmo tempo, princípio de vida para o novo discípulo; e

3. a dimensão comunitária que evoca a responsabilidade dos que participam do processo. “Na tradição da Igreja, a iniciação cristã é tarefa de toda a comunidade: é o seio da Igreja que gera a fé” (NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2018, p. 36). Iniciados, formados e enviados para ser e formar comunidade.

### Vida Religiosa Consagrada e a formação inicial

Tendo visto um pouco sobre a iniciação cristã busquemos definir, também guardando os limites desta reflexão, o que se entende por VRC. O Concílio Vaticano II ao tratar do tema apresentou como exigência fundamental deste modo de vida a *sequela Christi* (PC, n. 5). O Papa São João Paulo II, seguindo a compreensão conciliar, destacou que a VRC é como um singular e fecundo aprofundamento da consagração batismal (VC, 1996, n. 30). Portanto, conceitualmente este modo vocacional de vida volta-se, sobretudo, ao seguimento de Jesus Cristo e o aprofundamento da graça batismal. O carisma próprio de cada Instituto e/ou Sociedade de Vida Apostólica, verdadeiro sopro do Espírito Santo para vitalidade e reavivamento da Igreja, será o que marcará o modo de ser des-

te seguimento e aprofundamento batismal.

No entanto, é importante recordar que anterior é o fato de que o seguimento está na base do ser cristão. “E disse [Jesus] a todos: se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e me siga” (Lc 9, 23). “Ao abraçar a VRC, no sentido vocacional escolhe-se ‘um’ caminho e não ‘o’ caminho. E esse se torna ‘meu’ caminho, ‘o’ caminho para mim, sem desmerecer os demais” (VITÓRIO, 2022, p. 19) De fato, o seguimento, o conduzir e viver a partir da configuração a Cristo, é algo comum tanto para a IVC como para formação inicial à VRC.

Também é importante recordar e perceber que de maneira geral a formação inicial para VRC é composta de três etapas: aspirantado/postulado, noviciado e juniorato. O primeiro momento significativo é a primeira profissão religiosa que acontece na conclusão do noviciado. Mas, será a celebração dos votos perpétuos que irão marcar a conclusão da formação inicial e início da formação permanente. Na IVC, como foi visto anteriormente, também temos etapas (pré catecumenato, catecumenato, purificação, mistagogia), como também momentos fortes e significativos (os sacramentos da iniciação cristã em si). De certa forma podemos observar

também aqui uma analogia entre ambos os processos.

Portanto, naturalmente já existe algo de próximo na pedagogia da iniciação cristã em relação a pedagogia da formação inicial, pois ambas querem conduzir para Deus, por meio de processos e etapas. Voltar às fontes e apreender as características fundamentais da iniciação cristã de inspiração catecumenal, é mais que um caminho possível, parece oportuno e adequado para o tempo presente. Fonte de vitalidade e novas possibilidades. Mas, que também trazem algumas considerações e implicações concretas. Vejamos.

## **A Formação Inicial em analogia com a Iniciação à Vida Cristã**

Visto que de fato pode ser considerada válida a relação de semelhança entre a IVC e o processo de formação para VRC e, tendo observado algumas características principais dessa iniciação a partir da inspiração catecumenal, cabe agora destacar quais as implicações existentes quando se trata do processo de formação inicial. Três serão as indicações e outras mais as implicações, a saber:

1. *A formação inicial como mistagogia* implica em um movimento constante de aprofun-

damento da fé e do carisma abraçado. Todos, formandos, formadores e toda comunidade formativa, ou seja, aqueles que estão no dia a dia dos formandos, devem estar cientes que estão seguindo os passos de Jesus Cristo, a partir de um carisma específico. “O processo formativo só atinge seu objetivo ao se configurar como caminho para o Deus vivo e verdadeiro, revelado por Jesus de Nazaré, a ser continuamente conhecido e interiorizado” (VITÓRIO, 2022, p. 15). O voltar às fontes, tanto em relação ao carisma, mas também quanto ao modo de transmitir a fé tornam-se não só necessários, mas, imprescindíveis para a eficácia do processo.

A formação inicial como mistagogia também tem como consequência a exigência de se observar um perfil minimamente definido de formador(a), pois, “exige que os formadores tenham consciência de sua identidade específica, além de clareza quanto à especificidade da VRC e uma correta concepção do que seja a formação” (VITÓRIO, 2022, p. 73). Os formadores devem ser verdadeiros mistagogos, “especialistas no caminho da procura de Deus, para serem capazes de acompanhar também outros neste itinerário”

(VC, 2004, n. 66). A formação dos formadores deve ter um lugar de destaque nesta perspectiva.

A formação personalizada também ganha importância essencial num processo formativo que seja reconhecido verdadeiramente como mistagógico. “Este instrumento essencial de formação se caracteriza pelo colóquio pessoal, que exige ser regularmente frequente, como tradição de insubstituível e comprovada eficácia” (VC, 2004, n. 66).

Formador/a e toda a comunidade torna-se lugar do testemunho e primeiro modelo de vivência do seguimento de Jesus. Portanto, também formadora! Embora a limitação da pesquisa se debruce sobre a formação inicial, a formação permanente/continuada, ou seja, daqueles que já fizeram os votos perpétuos, numa dinâmica em analogia com a inspiração catecumenal, torna-se fundamental e até mesmo o primeiro a ser considerado no projeto formativo da Instituição Religiosa. Como no catecumenato a comunidade dos já iniciados, para VRC, ou seja, os de votos perpétuos, é quem conduz os que iniciam seu caminho. Vale recordar que aquilo que se apresenta ao formando será determinante para o que ele virá a ser.

2. *A formação inicial como processo de iniciação* faz observar com mais atenção a

importância da dinâmica processual, que deve ser gradual e integral, envolvendo a vida inteira do iniciado(a). “A iniciação religiosa pode ser definida como um caminho progressivo, por meio de etapas, de ritos e de ensinamentos, que visam realizar uma transformação religiosa e social do iniciado” (CNBB, 2019, n. 78). Daí a necessária atenção na construção dos Itinerários Formativos, evitando-se exigências e atividades que não estejam em sintonia com o todo que se quer alcançar. Há de se cuidar para não infantilizar os processos. Mas, também o de não exigir desmedidamente. Da mesma forma, aplicar e destacar momentos simbólicos e celebrativos tornam-se significativos elementos de passagem. A valorização de momentos celebrativos, tais como na ocasião do ingresso no aspirantado/postulado, além dos primeiros votos e votos perpétuos, podem e devem ser valorizados como expressão dessa gradual e integral formação.

Outro desdobramento é saber trabalhar com as dimensões formativas, numa justa compreensão de gradatividade do processo, utilizando-se de um verdadeiro



método integrativo. A Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores dabo vobis*, em sintonia com as áreas fundamentais do crescimento humano, indica as quatro dimensões que jamais devem faltar em um projeto formativo integral: humana, espiritual, intelectual e pastoral (PDV, 1992, n. 43-59). Em seguida, um outro documento pós-sinodal, *Vita Consecrata*, acrescenta a dimensão carismática, específica para a formação à VRC (VC, 2004, n. 65). Assimilação e transformação são o resultado final do processo formativo.

3. *A formação inicial como processo de adesão a Jesus Cristo e seu Projeto* implica em um compromisso de formar para a missão, o que se apresenta sempre mais atual e necessário na construção do Reino, um verdadeiro apelo atual da Igreja, inclusive à VRC. Segundo Delir Brunelli, o próprio Jesus nos apresentou uma pedagogia bem clara, cuja introdução gradual na dinâmica do projeto a ser assumido exige a experiência, até mesmo algumas experiências fortes, de impacto, que torne clara a proposta e mais firme a opção. Esse é o melhor caminho para a formação ao discipulado, inclusive, quando se trata da VRC (BRUNELLI,

2009, p. 607). Quando você toca e ama os homens, você toca e ama Jesus; e ele toca e ama você. Quando se alcança a consciência do ser discípulo missionário o ciclo do processo formativo se conclui abrindo-se novamente, pois indo ao encontro das pessoas encontro o próprio Jesus Cristo, que inicialmente me convocou, formou e enviou. A renovação e reavivamento que este processo gera, faz novas todas as coisas.

Delir Brunelli afirma, fazendo uma crítica a este modelo, que já se falou muito sobre a interação, teoria e prática no processo formativo. Mas, o ordenamento e os programas da formação inicial, na maioria dos casos, mostram que ainda persiste a ideia de que há um antes e um depois, de que é possível formar para o seguimento de Jesus, para a vivência do carisma, anteriormente à sua concretização missionária (BRUNELLI, 2009, p. 612). A formação como mistagogia, processo de iniciação e adesão ao projeto de Jesus implicam a superação desse modelo formativo.

## Conclusão

Feito este trajeto de resgate, mesmo que breve e pontual do que foi e quais as principais caracte-

rísticas daquilo que ficou chamado na Igreja de IVC, observamos o valor, semelhanças e atualidade da mesma para a Igreja e mesmo para o processo formativo à VRC. De fato, o vocacionado(a) à consagração religiosa tem como referência principal o seguimento de Jesus Cristo e a vivência radical do Batismo. O caminho formativo do consagrado ou consagrada, quando posto em analogia com a iniciação cristã, permite resgatar elementos significativos para o ser Igreja nos tempos atuais. As implicações recorrentes desse modo de formar, geram uma vitalidade que permite resgatar elementos, por vezes negligenciados ao longo do caminho.

Ao final desta reflexão chegamos a três eixos centrais e, a partir deles, outros tantos desdobramentos inevitáveis. Compreendemos que dinamizar a formação

inicial como mistagogia implica em dar máxima atenção ao perfil e formação dos formadores; valorizar a formação personalizada, além de trabalhar o resgate da consciência de que toda comunidade dos consagrados/as também é formadora. A formação inicial como processo de iniciação implica compreender que se trata de um processo gradual e integral; que supõe resgatar a dimensão celebrativa que cada etapa concluída pode oferecer; além de exigir a interação entre as dimensões que constituem a pessoa humana e o próprio processo de formação. Por fim, a formação inicial como processo de adesão a Jesus Cristo e seu projeto implica ainda, uma nova postura missionária como verdadeiro reflexo da adesão à pessoa e projeto desse mesmo Senhor e Mestre que nos chamou e continua a enviar.

## Para conversar em comunidade

1. A partir da aproximação da formação à VRC e o processo de IVC o artigo apresentou algumas implicações inevitáveis. Recordando-as e relacionando-as a sua realidade formativa, quais são os maiores desafios que se faz observar em sua realidade?
2. Quais propostas concretas poderiam ser apresentadas para o secretariado de formação/conselho de formação/equipe formativa de sua família religiosa, para que a pedagogia proposta neste artigo possa ser ainda mais presente em sua realidade formativa?

- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 51 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BRUNELLI, Delir. “Foram e viram! (Jo 1,39). Experiências que fazem diferença no processo formativo”. **Convergência**, Ano XLIV, n. 425, p. 607-625, 2009.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Perfectae caritatis* sobre a renovação da vida religiosa. Em: **Vaticano II: mensagens, discursos e documentos**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 301-313.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação cristã: itinerário para formar discípulos missionários**. Brasília: CNBB, 2019.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese**. São Paulo: Loyola/Paulinas, 1998.
- CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Orientações sobre a formação nos Institutos Religiosos**. Roma, 1990. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc\\_con\\_ccsclife\\_doc\\_02021990\\_directives-on-formation\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021990_directives-on-formation_po.html)>. Acesso em: 08/06/2023.
- COSTA, Rosemary Fernandes. O caminho da mistagogia: uma mítica para os nossos tempos. **Horizonte**. Belo Horizonte, 2012, p. 831-853. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p831/4890>>. Acesso em: 27/03/2023.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Vita Consecrata**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a vida consagrada e sua missão na igreja e no mundo. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Pastores Dabo Vobis**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais. Roma, 1992. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_25031992\\_pastores-dabo-vobis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html)>. Acesso em: 08/06/2023.
- LELO, Antonio Francisco. **Catequese com estilo catecumenal**. 3. ed. São Paulo/SP: Paulinas, 2008.
- MORÁS, Francisco. **As correntes contemporâneas de catequese**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Mistagogia: A partir do documento da CNBB n. 107**. São Paulo: Paulinas, 2018.

PAGNUSSAT, Leandro Francisco. Formação cristã e mistagogia nos documentos do Concílio Vaticano II. Em: **Vida Pastoral**, Ano LXIII, n. 343, p. 20-27, 2022.

PUPO, Débora Regina. Inspiração catecumenal... sobre o que estamos falando? Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

VITÓRIO, Jaldemir. **A formação na vida religiosa consagrada**: reflexões para uma pedagogia mistagógica. São Paulo: Paulinas, 2022.

# MISSÃO, COMUNIDADE E SINODALIDADE

Irmã Valmí Bohn<sup>1</sup>

**Resumo:** Missão, Comunidade e Sinodalidade formam um conjunto que cria um processo, uma escolha de vida que cada pessoa faz a partir de sua opção vocacional. Cada opção é individual e pode ser assumida tanto por pessoas consagradas como por pessoas leigas. Enfocaremos o aspecto mais relevante que é a comunidade de vida e missão. A convivência na comunidade exige decisões e ações conjuntas. Isso exige escolhas, prioridades, cria possibilidades de crescimento. A vida comunitária atualmente é um dos grandes desafios que oportuniza amplo enriquecimento, amplia horizontes e nos leva ao testemunho na missão, tendo como base o seguimento de Jesus. A Vida em comunidade, seja a missão que for, não acontece automaticamente. Exige abertura e esforço de todas/os as/os participantes da comunidade. Se algum integrante da comunidade não assumir em conjunto, sua presença pode passar imperceptível por este caminho, deixando-se levar e sufocar pelo ativismo. Na vida comunitária, missão e sinodalidade devem andar juntas. Para isso é essencial o seguimento de Jesus, a vivência dos valores do evangelho e, a expressando por gestos concretos um amor incondicional aos pobres. Isso exige consciência, lucidez e discernimento enraizado na essência da Vida Religiosa Consagrada.

**Palavras-chave:** Comunidade; Sinodalidade; Missão; Intercongregacionalidade.

---

<sup>1</sup> Religiosa da Congregação das Irmãs da Divina Providência. Graduada em Pedagogia; Especialista em Formação para a Vida Religiosa. Assessora Executiva do Setor Missão da CRB Nacional. Endereço para contato: bohnvalmi@gmail.com

## Introdução

Partimos do pressuposto de que a Vida Religiosa Consagrada deve buscar sua consolidação no “discipulado de Jesus, vivendo a Palavra de Deus na opção da missionária sinodal. Sempre somos convidadas/os e convocadas/os para permanecer no amor, na escuta e responder com esperança, aos gritos e clamores de nosso tempo” (CRB Nacional, 2022), as/os religiosas/os devem buscar, discernir e se fortalecer, para juntos, na sinodalidade, trilhar os caminhos da missão.

O desafio das Congregações e Institutos de Vida Consagrada hoje, é dar um novo sentido, um novo significado para a missão de viver e divulgar pela ação a concretude do evangelho de Jesus. Muitos são os apelos que vem de diferentes cenários da realidade, considerando a Vida Religiosa, a vida eclesial e civil. Durante a pandemia da Covid 19 vivemos tempos difíceis e desafiadores. A Vida Religiosa em suas comunidades foi, de certa forma, forçada a se reinventar, a descobrir novas formas de viver bem a vida comunitária, sem esquecer de sua missão. Vieram à tona a indiferença, uma certa desorientação, o medo, o individualismo, a necessidade de rever o ponto de referência de

nossa opção de vida. Junto com o mundo e a sociedade enfrentamos crises: social, econômica, política, ambiental, religiosa, e foi necessário buscar um sentido autêntico e profundo da Vida Religiosa Consagrada, enfocando valores evangélicos de solidariedade, fraternidade, entre ajuda, presença profética, mesmo sendo através das redes sociais.

Desde os primórdios, a VRC é interpelada a dar respostas concretas para os novos desafios, sendo chamada constantemente a se ressignificar, à luz da ação dinâmica e criativa do Espírito Santo, que suscita novas formas de inculturar e dinamizar os carismas de nossas congregações, partindo de uma retomada ao seguimento de Jesus, num deixar-se cristificar (*Vita Consecrata*, n. 16), e encontrar na própria consagração a força para a fidelidade criativa na adesão ao Senhor (*Vita Consecrata*, n. 63).

É de suma importância ter presente aspectos centrais das prioridades da CRB Nacional assumidas na aprovação do Triênio 2022 –2025, que traz presente os eixos do discipulado, da sinodalidade e da missionaridade.

Dentre as prioridades assumidas na Assembleia Geral Eletiva de 2022 (CRB Nacional, 2022), queremos destacar duas:

- a) O cultivo da vivência encarnada da Palavra de Deus como ponto essencial na vivência da missão e na comunidade; a mística do cuidado consigo, com os outros, a casa comum tendo como inspiração a Trindade;
- b) A vivência da sinodalidade com escuta ativa e criativa; o fortalecimento das relações em seus diversos âmbitos envolvendo outras congregações e parcerias, assegurando a nossa presença profética e transformadora nas periferias existenciais de hoje; se apropriar de um estilo de vida simples assumindo a ecologia integral e um modo de bem viver em nosso lugar de missão.

## Vida Religiosa Consagrada em comunidade

A comunidade deve se configurar como de enviadas/os, e é por essência, missionária de acordo com cada carisma. Hoje a Vida Religiosa vive diferentes formas de comunidade, porém todas devem ser regidas pelo amor e testemunho do evangelho. O amor a Jesus de quem opta pela vida religiosa, permite sonhar, arriscar-se em projetos de defesa da vida dos mais pobres, dos vulne-

ráveis, dos abandonados sempre guiados pelo Espírito Santo que torna sempre nova a essência do sim dado na escolha vocacional. Quando abertas/os a esse Espírito tudo se renova constantemente, pois o Espírito de Deus não permite atividades e ações rotineiras e nem estáticas.

Toda comunidade missionária deve centrar seu ritmo de crescimento em relação a Deus e aos outros. Isso só é possível se existe oração, atitudes de humildade, diálogo e perdão. “Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, com toda tua alma, com todas as tuas forças e o próximo como a ti mesmo” (Mc 12, 28b-34).

Aqui podemos trazer alguns pontos importantes de uma comunidade configurada pela missão. Segundo Garcia Paredes (2019) toda comunidade religiosa é um espaço de aprendizagem missionária. E mais: aprender a ser missionário é um exercício comunitário e não individual. Numa comunidade é necessária a conversação antes, durante e depois da missão, pois é a partir dela que vão surgindo novas perspectivas e o aperfeiçoamento nas ações da missão. Toda comunidade deve ser inculturada na realidade, não se fechar em si mesma, ser aberta e acolhedora e ir além de suas fronteiras, pois se não for

assim, ela será neutra, sem efeito, insossa, e sem perspectivas de crescimento. Na Vida Religiosa, homens e mulheres devem ter caráter e coerência em sua vivência de cada dia, devem ter momentos importantes de contemplar a Deus no silêncio, reconhecer e celebrar sua presença na sua vida e na vida do povo.

Desde a fundação dos diferentes carismas, todos os fundadores tiveram presente a realidade de cada época e os ideais sempre fizeram com que pessoas se dedicassem à Igreja na propagação do amor ao evangelho. “A vida religiosa faz parte do mistério da Igreja. É um dom que a Igreja recebe do seu Senhor, e que oferece, como um estado de vida estável, ao fiel chamado por Deus à profissão dos conselhos” (Catecismo da Igreja Católica, § 926). Viver a consagração e a vida comunitária tem suas dificuldades e é uma tarefa exigente, considerando que cada pessoa é uma, com sua cultura e seus valores. Porém, à medida que a/o consagrada/o vai assumindo a sua opção de vida e vivendo os valores evangélicos, seu caminho vai se firmando e alargando na abertura para uma missão para além do seu pequeno espaço vivido antes da escolha pela causa do evangelho.

Os membros de uma comunidade devem poder realizar seus

sonhos, mas sobretudo ter um sonho comum a realizar, tendo em vista sua missão como consagrada/o e como comunidade inserida em seu meio social, fazendo-a abrir novas perspectivas de comunhão com Deus.

## **Vida Comunitária, sinodalidade e cuidado da casa comum**

Temos consciência que a Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Para isso é necessário articular a participação de todos, segundo a vocação, possibilidades e capacidades de cada um. Não só a vida religiosa consagrada, mas todos os fiéis são habilitados e chamados a colocar a serviço da vida, da igreja e da comunidade, seus dons recebidos do Espírito Santo. Com isso, as boas práticas da vida comunitária são inspirações para cuidar da casa comum. Vivemos num espaço, onde nosso planeta grita e clama por cuidados especiais e urgentes diante da grande destruição que o ser humano causa no planeta.

Quando falamos em casa comum devemos evocar em nós a consciência e a responsabilidade do cuidado de cada pessoa em relação a vida pessoal, do outro e da vida do ecossistema. Conforme a Exortação Apostólica *Evangelii*



*Gaudium* “a sinodalidade compreende a caminhada conjunta das expressões eclesiais em vista da missão da Igreja, qual seja, anunciar Jesus Cristo” (n. 31-32). Por isso, a sinodalidade é a forma pela qual as expressões da Igreja se articulam para exercer seu papel somando forças com as pessoas da comunidade e da sociedade. Para isso o papel da vida religiosa em sua missão de presença no meio ao povo, como processo de conscientização, é fundamental.

Ao falarmos em casa comum, sinodalidade, comunidade, missão, devemos considerar a situação social, política e religiosa que está marcada por corrupções e pluralismos complexos que dificultam ver a realidade em nível pessoal e coletivo. As pessoas estão cada vez mais individualistas e a sociedade tornou-se fragmentada na análise da realidade, fazendo com que a condição humana sinta a dificuldade de enfrentar a crise, e tornando a desigualdade social cada vez mais gritante. Em meio a isso a vida consagrada tem um papel fundamental de escuta, acolhida e levar a sociedade a uma reflexão de discernimento segundo o Espírito do evangelho de Jesus Cristo.

E como estamos diante de uma mudança de época, todo esse fenômeno de fragmentação foi ge-

rando processos de secularização, tanto na sociedade, nas famílias e também da vida religiosa. Porém a Vida Religiosa Consagrada tem uma oportunidade de mostrar ao mundo, pelas suas ações e sua opção de vivência, a possibilidade de dar respostas proféticas e dar testemunho do seguimento de Cristo.

Diante dessa crise social e humanitária no mundo, a proposta do Papa Francisco de “uma Igreja em saída” é a grande inspiração para toda a igreja e, especialmente, à Vida Religiosa Consagrada, para superar o “mundanismo espiritual” e voltar seu coração e seu olhar para a graça de Deus. Além dessa crise social temos também, uma certa ‘crise’ de envelhecimento da vida religiosa e da escassez de vocações. É este cenário de crise que provoca a necessidade de somar forças com a proposta de comunidades intercongregacionais.

## **Viver a ousadia radical na missão**

A missão de constituir comunidade intercongregacional é muito desafiadora para a Vida Religiosa Consagrada, mas, em tempo de pós-modernidade, aos poucos vai se tornando uma necessidade de ousadia radical. É um dina-

mismo que nos faz abrir ao novo, a enfrentar novos desafios e de forma mais profética, onde a comunidade religiosa ajuda seus integrantes a superar os esquemas da vida, segundo o carisma de sua Congregação. Isso proporciona ao religioso/a assumir um projeto de vida, centrado na vontade de Deus, possibilitando sair de seu espaço congregacional e colocando-se no terreno firme do amor, abrindo os horizontes, em vista dos pobres, os vulneráveis, descartados e excluídos de nossa sociedade.

Diante dessa proposta de radicalidade, a CRB Nacional acompanha comunidades que já vivem essa experiência. Para esse desafio propõe alguns passos necessários para a constituição de uma comunidade intercongregacional:

1. Tornar conhecida a possibilidade de se constituir Comunidades Intercongregacionais divulgando nos encontros e entre as congregações;
2. Definição do projeto de atuação num determinado local: diocese, paróquia, Instituição, conforme solicitações;
3. A comunidade deve ser constituída de, no mínimo três Irmãs de congregações distintas;
4. Assim que houver disponibilidade das Irmãs, realizar reunião com as Superiores provinciais/gerais e Irmãs disponíveis das congregações interessadas em constituir a comunidade intercongregacional. Também participarão a Assessora do Setor Missão e a Presidente da CRB. As primeiras reuniões poderão ser no formato online;
5. Esclarecer, desde o início, o papel da CRB Nacional, das congregações e do Bispo da diocese, para refletir, analisar a realidade, as condições da prestação do serviço, a manutenção do projeto sócio-pastoral-missionário e a sustentabilidade das Irmãs da comunidade;
6. Elaboração do Projeto Missionário (fundamentação teórica-iluminativa, objetivo, finalidade, justificativa, competências e atribuições das partes envolvidas);
7. Elaboração de um convênio entre as partes tendo presente a realidade do local;
8. Momentos específicos de integração das/dos Irmãs/irmãos que constituirão a comunidade intercongregacional;
9. Após a definição do início da comunidade, realizar uma Celebração de Envio da comunidade missionária, que

deve ser acompanhada na primeira semana, e com visitas periódicas das/dos responsáveis pelo projeto;

10. Cada ano é importante as Irmãs fazerem uma avaliação de revisão do projeto de atuação sócio-pastoral-missionária, e avaliação da vivência comunitária;
11. Apoio a projetos financeiros de outras entidades, com a finalidade de colaborar na manutenção de atividades pastorais e formativas.

Estes são aspectos relevantes na constituição, organização e acompanhamento de comunidades intercongregacionais missionárias, intermediadas pela CRB Nacional.

Além desses passos, é importante apresentar alguns critérios estabelecidos pela CRB Nacional para a constituição de uma comunidade Intercongregacional.

Ao se disponibilizar para uma missão Intercongregacional, é importante a/o candidata/o ter facilidade nas relações interpessoais, convívio comunitário, partilha do carisma, momentos orantes e planejamento pessoal e comunitário. São fatores inerentes a missão: a oração, a partilha, a abertura para o novo, o diálogo e o testemunho de vida.

Entre os critérios podemos citar:

1. Espiritualidade e ardor missionário;
2. Condições de viver em comunidade e abertura à intercongregacionalidade;
3. Capacidade de trabalho em equipe;
4. Vida simples, gratuita e despojada;
5. Gozar de boa saúde física, mental e equilíbrio emocional;
6. Capacidade e disposição para dialogar com as diferentes culturas;
7. Adaptação às realidades do povo e respeito ao seu processo histórico;
8. Flexibilidade e disponibilidade para ampliar o campo de atuação, segundo as necessidades da realidade missionária.

Considerando esses pontos e junto com a prática, é importante colocar que a/o missionária/o se compromete a desempenhar o serviço que lhe será confiado em comunhão com a Arquidiocese ou Diocese. Conservará laços com sua Congregação e partilhará os frutos da sua experiência. Essa missão conjunta e responsável na comunidade intercongregacional,

prevê que, antes da conclusão de tempo da missão, da troca de alguém, deve haver a apresentação da próxima, um mês antes para uma melhor adaptação, garantindo a continuidade da comunidade e da missão. Cada missionária é responsável pelo seu cultivo pessoal, e deve dispor de um tempo para retiro espiritual, formação missionária, aproveitando as oportunidades oferecidas pela Congregação e ou CRB. Além dessas orientações também estão questões mais concretas para a efetivação da missão intercongregacional.

## Conclusão

O seguimento de Cristo nos leva a viver a proposta de Jesus e pelo fato de pertencer a uma congregação resulta da adesão a Jesus. Toda comunidade de vida religiosa consagrada torna fecunda a missão do Reino porque é uma comunidade de partilha e porque em seu centro deve prevalecer o Cristo do amor, da partilha, do serviço e do dom da vida. Na Vida Religiosa Consagrada todas as comunidades têm o compromisso de testemunhar esse mundo de amor que Jesus veio propor, pois o testemunho mais impressionante e mais convincente deveria sempre ser o testemunho de vida das/os religiosas/os.

Todas as Congregações são convidadas a cultivar esse espírito de comunidades intercongregacionais para que vivam no amor e na partilha, e sejam sinais de vida nova num mundo tão egoísta e materialista em que vivemos. Desse modo, estaremos anunciando que Jesus está vivo, que está atuando em nós e através de nós. Uma comunidade intercongregacional é um novo estilo de comunidade que viabiliza na Vida Religiosa Consagrada a relação entre membros, oriundos de diversos carismas tendo como base os valores evangélicos, tanto da cooperação, quanto da partilha, da reciprocidade, da complementaridade e da solidariedade.

Ao longo da história, a Vida Religiosa Consagrada foi mudando e continuará em mudanças, se adaptando a realidade na qual está envolvida pela missão. A proposta não significa decretar o fim do modelo de vida religiosa atual, com seus carismas, mas propõe-se um modelo de vida religiosa, enquanto forma de relação social, reconfigurada a serviço de objetivos sociais e ecológicos numa “Igreja em saída”. Mesmo nestas comunidades existem conflitos e mal-entendidos, mas torna-se desafio num constante processo de conversão e uma grande oportunidade, para abertura a outro modo de ser e compreender o chamado

de serviço ao Reino, abrindo-se para horizontes enriquecedores a todos os carismas. É a unidade na diversidade que nos une, pelo amor aos excluídos e sofredores, pois a espiritualidade trinitária nos fornece as bases e nos fortalece para essa experiência.

Toda convivência em comunidade depende mais de sabedoria do que tolerância. Isso possibilita uma convivência em construção,

respeitando as diferenças individuais e institucionais. No momento atual, a diversidade dos carismas deve nos unir em comunhão com Deus, e para isso precisamos de coragem, resiliência, persistência nos apoiando numa entreaajuda mútua, conquistando e transformando sonhos em realidade de uma Vida Religiosa Consagrada profética e comprometida.

### Para dialogar em comunidade:

1. A vida comunitária sempre nos remete ao testemunho na missão, tendo como base o seguimento de Jesus. Como sua comunidade vive o desafio de trabalho conjunto com outras congregações?
2. Como sua comunidade vive a proposta do Papa Francisco de “uma Igreja em saída”? No que isso implica e o que exige?
3. Quando falamos em casa comum devemos evocar em nós a consciência e a responsabilidade do cuidado de cada pessoa em relação a vida pessoal, do outro e da vida do ecossistema. Como minha, sua, nossa comunidade assume o concreto do cuidado da casa comum e da vivência da sinodalidade?

### Referências

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1993.
- CRB Nacional. **Plano de Ação 2022–2025**. Brasília, CRB, 2022.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo, Paulinas, 2013.
- GARCIA PAREDES, José Cristo Rey. **Outra comunidade é possível: sob a liderança do Espírito**. São Paulo. Paulinas, 2019.
- JOÃO PAULO II, Papa. *Vita Consecrata*. Exortação Apostólica Pós-sinodal. São Paulo, Paulus, 1996.

**CONGRESSO DOS  
70 ANOS DA  
CRB NACIONAL**

*Colégio Santa Cecília - Rede  
Damas - Fortaleza, CE*

*De 30 de maio a 02 de  
junho de 2024*

# SEMINÁRIO LATINOAMERICANO E CARIBENHO DE IRMÃOS RELIGIOSOS: HACIA LO ESENCIAL DEL SEGUIMIENTO DE JESÚS Y LA CENTRALIDAD DE LA RELACIONALIDAD HUMANA

(Quito, Equador, 11 A 14 de julho de 2023)

Irmão Marcos Divino do Amaral<sup>1</sup>

*De 11 a 14 de julho de 2023, na cidade de Quito, no Equador, aconteceu o VI Seminário Latino-americano de Religiosos Irmãos. Representando a Conferência dos Religiosos do Brasil, participaram do Seminário os Irmãos Marcos Divino e Cícero Junior. Outros irmãos brasileiros fizeram-se presentes representando suas congregações. Irmão Marcos Divino apresenta aqui um “relato afetivo” de como ele sentiu e viveu estes dias em companhia de outros irmãos da América Latina e Caribe.*

## **Um relato afetivo e confortável do nosso encontro de irmãos**

Vimos de vários países representando nossas Congregações e Conferências. Éramos 24 irmãos das seguintes congregações: Jesuítas, Irmãos de São João de Deus, Lassalistas, Claretianos, Irmãos da Providência da Imaculada Conceição, Irmãos da Sagrada Família, Ordem dos Franciscanos Menores, Missionários Combonianos, Hermanos Cristianos, São

---

<sup>1</sup> Religioso da Congregação São Pedro *Ad Vincula*. Psicólogo Clínico; Formador e Professor no IFITEG. Endereço para contato: marcosdoamaral07@gmail.com

Pedro Ad Vincula, Dehonianos e Missionários do Verbo Divino.

O encontro começou com a saudação da Presidenta da Confederação Latino-americana de Religiosos e Religiosas - CLAR, Irmã Liliana Franco e de Irmã Cruz Maria Piña, Presidenta da Conferência Equatoriana de Religiosos e da equipe organizadora. Nas saudações ficou nítido a valorização de espaços para encontros e partilha; o desejo e sonho dos irmãos equatorianos de realizar o encontro no seu país; a possibilidade de encontro com Jesus; a certeza de estarmos juntos e entrelaçados com as “Mulheres da Aurora” para celebrar a fraternidade que nos marca e nos faz ple-nos irmãos.

## **Olhar o processo Sinodal com uma atitude reativa e projetiva**

Para iniciar o encontro, Irmã Liliana convidou os presentes a um olhar para o processo Sinodal com uma atitude reativa e projetiva. Segundo ela, é necessário uma atitude de questionamento ao modelo de Vida Consagrada que vivemos hoje. Nota-se um cansaço e falta de sentido nos religiosos e religiosas, que pode estar ligado às perdas ou mudanças de modelos. É preciso pensar, como igreja, uma nova forma de proceder.

Há a necessidade de uma revisão contínua do nosso estilo de vida, com discernimento profundo que REFORME nossas mentalidades e que, por sua vez, comece uma REFORMA das estruturas. Mas o que é reforma? É quando aproximamos as coisas, as situações atuais às origens, no entanto, de uma forma nova e atualizada. É um processo espiritual, de dentro para fora, fugindo da autoreferencialidade, ouvindo a cultura e a história, vendo os sinais dos tempos. O Papa não está reformando, ele está colocando em prática a reforma proposta pelo Concílio Vaticano II.

O objeto da sinodalidade é o envolvimento de TODOS num processo de ensinamento, santificação e governança. Envolvimento de todos! Se faz necessário um giro eclesiológico: um descentralizar eclesial – sair do monocultural (europeu) e partir para o pluricultural; é preciso um estado de contínua reforma (EG 26) a partir de uma conversão pastoral. Vivenciar a missão e menos a autopreservação (EG 27). É um convite à vida! Viver sem medo!!

Uma outra ideia é a de uma mudança hermenêutica: de que lugar olhar o mundo e nossa identidade? Com sensibilidade, mística, intuição, atenção e a busca constante de um sentido para vi-



ver. É preciso superar o modelo piramidal e hierárquico pré-conciliar. Sair do movimento que vai do centro para a periferia e pensar num movimento das periferias para o centro. Isso só acontece a partir de uma conversão pessoal que gera, por sua vez, uma conversão estrutural. Sair para a periferia, ouvir e **ALARGAR A TENDA!**

Fazer uma revisão contínua de como devem ser as autoridades; nosso estilo de vida; rever nossas estruturas; abandonar aquilo que não gera vida. Sair do **FORMA MENTIS** para algo dinâmico e vivo usando de atitudes sinodais, como habilidades relacionais, escuta abrangente de todos, iluminados pelo Espírito.

E nós? A estrutura sinodal temos, no entanto, temos a mania de nos sentirmos superiores. *Ah, pequeno ser vaidoso chamado ser humano!*

E o que nos diz esse movimento sinodal? É preciso reconverter, nos reorganizar de novos modos. Tendo em conta: **UMA ESPIRITUALIDADE SINODAL, VEROS CONSELHOS EVANGÉLICOS DE FORMA SINODAL, VIDA COMUNITÁRIA SINODAL E MISSÃO SINODAL**. Isso mesmo! Com muita repetição da palavra **SINODAL!**

Em outro momento, Ir. Roberto Duarte, SVD, nos levou a refle-

tir sobre a sinodalidade experimentada por um religioso irmão. Disse-nos que precisamos de uma igreja sempre mais profética, samaritana e missionária! Sem esses requisitos ela perde sua importância para o mundo! É necessário nos debruçarmos sobre os grandes temas que incluem os marginalizados da nossa sociedade. Ser uma igreja que não leva em consideração os mais sofridos é um sinal de que estamos morrendo.

É preciso pensar e refletir por onde, quando e como perdemos a ideia e prática do sacerdócio laical que Jesus Cristo exerceu quando esteve na terra conosco! Não há como existirmos como igreja se não exercermos a **ESCUTA, A FRATERNIDADE E A LIDERANÇA**. Usando como referência a *Evangelii Gaudium* nos leva a refletir.

A **ESCUTA** deve ser uma atitude de todas e todos! Sem exceção ou aceitação de pessoas! Deve ser holística, ou seja, escutar toda a casa comum, incluindo a natureza e todo seu ecossistema. Deve ser uma escuta qualificada e madura que está aberta, inclusive a ouvir aquilo que não concorda!

Na vivência da **FRATERNIDADE** é preciso sermos irmãos de Jesus! Todos vós sois irmãos! Uma igreja que não seja fraterna

não tem motivo de existir; perde sua mística! Vemos uma igreja de sacramentos, de ritos e pobre de fraternidade! Uma igreja fraterna terá a sensibilidade de incluir aqueles e aquelas que estão à margem! Terá a clareza de saber quem falta incluir nesse processo Sinodal que está a caminho!

Exercer a LIDERANÇA como o imperativo de não deixar as coisas como estão (EG 25). Temos que forjar lideranças que caminhem atrás do rebanho! Que confiem nas pessoas e nos grupos! Eles sabem caminhar! (EG 31). Ter a coragem de possibilitar e fortalecer novas lideranças, sem medo de perder o controle e a centralização do poder! Forjar novos ministérios! É necessário acreditarmos naquilo que oferecemos. Uma igreja que tem as riquezas pastorais como a nossa, e não crê que isso é real, se enfraquece! É preciso que nossas lideranças consigam e tenham a capacidade de fazer-se cargo dos irmãos e das irmãs. Saber dar ânimo, cuidar nas dores, estar presentes nas diversas realidades que se apresentam. Eu tenho sido *anima* para meus irmãos? Tenho dado alma para a comunidade? Essa pergunta deve ser feita por cada um constantemente para que nossa ação e presença seja fecunda! É preciso sermos capazes de liderar de forma concreta, corajosa, efi-

ciente, amável, assertiva, misericordiosa. Com ética e honestidade. Numa atitude firme, mas com ternura. Não se pode aprisionar a fé daqueles que querem mudar o mundo. (EG 183). Abrir-se para os novos ministérios pede de nós e sobretudo da igreja, como instituição hierarquizada, coragem, despojamento, atitude desprendida do poder e acolhida.

## A vocação do irmão como dom compartilhado

Em outro momento, os Irmãos Jorge Luís e Luís Mojica, trabalharam o tema da vocação do irmão como dom compartilhado. Numa colocação descontraída e fraterna, os irmãos começaram a partilha com uma afirmação que interpelou a todos: a palavra irmão deveria vir sempre no plural, pois não há como ser irmão sozinho. à luz de Col 3, 12-15, nos debruçamos sobre os comportamentos e atitudes que nos fazem irmãos uns dos outros; nos amando, respeitando, perdoando. Colocando os dons em comum numa fraternidade.

No entanto, percebe-se que o ativismo, as obrigações e burocracias no impedem de estar e fazer comunidade; de sermos, no seio da fraternidade, o sinal da Santíssima Trindade. Lembramos que nem todos se esforçam para

fazer os dons de Deus se reproduzirem e assim, quando esse dom se perde, perde-se, também o sentido de ser consagrado. Alimentar-se a cultura de que se pode ser irmão, mas não amigo.

Necessário se faz a atitude criativa para conseguirmos recriar, ressignificar nossa presença e nossa essência de irmãos consagrados que denotam fraternidade. Seremos, todos, irmãos. Nesse sentido a intercongregacionalidade pode nos ajudar a fortalecer nossa vocação. Outra atitude é vestirmos “a mesma camisa”; nos comunicarmos de uma forma clara para estarmos em consonância, em harmonia. Criar ambientes leves, que nos levem ao encontro do outro. Nesse encontro termos a maturidade de suportar no outro, sua humanidade. É um homem como eu. Com limitações, história, cultura, bagagens familiares e ancestrais! Ainda é preciso combater o individualismo, enraizado em nossa formação machista que nos oprime e cobra sermos fortes, machos e onipotentes. Presar e valorizar os pequenos detalhes de afeto que surgem em nossas relações fraternas. Somos homens consagrados e não podemos institucionalizar nossos afetos e sua demonstração!

## A Utopia do Reino: um mundo de irmãos e irmãs

Em uma mesa redonda, os Irmãos Jairo (Irmãos de São João de Deus) e Cristian (Irmãos da Providência da Imaculada Conceição), dinamizaram uma conversa sobre a Utopia do Reino: um mundo de irmãos e irmãs. Eles iniciaram compartilhando com os demais a vivência de homem consagrado na construção e alargamento da utopia do Reino, onde a fraternidade é critério inegociável para que haja a manutenção e o crescimento de uma cultura de amor e respeito.

Segundo eles, é preciso anunciar o Reino de Deus e para isso precisamos de algumas ideias e atitudes que nos ajudem a fazê-lo de uma forma eficaz, concreta, afetiva e efetiva. Uma dica é guardar os títulos e se tornar um com todos.

É como sermos *agricultores*, pequenos agricultores familiares. Cuidar da terra com carinho, vivendo e aprendendo a deixar viver. Sermos artistas dos pequenos, daquilo que é cotidiano. Caminhar e conjugar os verbos de nossa vocação! Estarmos atentos às pequenas conquistas e milagres que se apresentam na cotidianidade da nossa vida e de nossa missão.

Saber *conectar-nos* usando um diálogo qualificado! Saber falar e saber calar. Colocar-nos à disposição num “Eis-me aqui” constante e entregado. Não basta exercer nossa função administrativa da qual estamos incumbidos! É preciso ser irmãos, estar prontos a responder o chamado de Deus todo o tempo para o serviço e acompanhamento daqueles e daquelas que de nós precisam.

Sermos *influencers* em nosso dia a dia! Influenciadores de atitudes, gestos, comportamentos e concepções de mundo que gerem vida; que construam pontes, conexões, a cultura do bem viver. Influenciadores capazes de ganhar pessoas para Deus e que acreditem e lutem por seu projeto de vida e amor.

Primeiramente, nós somos pessoas humanas. Somos incompletos, falhos, limitados; porém somos o que somos. E é a partir dessa humanidade que devemos construir. Construir o quê? Construir a fraternidade. E só quando a construímos é que vislumbramos a construção do Reino de Deus; que é um reino de irmãos e irmãs. A capacidade de sermos afetivos e humanos em nossas relações é muito importante para a construção da nossa humanidade e consequentemente a construção do Reino.

Nosso sinal é nossa atuação. Deixar os títulos e ir ao encontro das pessoas. Ser um com elas. Só quando estamos do lado dos que sofrem, vemos suas dores, escutamos seus lamentos é que a missão transborda. A missão precisa nos transbordar! Necessitamos chegar onde outros não podem, não conseguem ou não querem. O irmão consagrado precisa vivenciar essa premissa: ir aonde ninguém vai ou quer ir. Estar do lado e sentir com os pequenos que sofrem.

### **Um pouco de partilha, o que levamos do encontro e algumas conclusões**

Cada um de nós, homem consagrado dá o que pode. Nós somos o que damos conta de ser. Podemos entregar um grande consagrado ou um pequeno consagrado; podemos fazer ou construir coisas importantes ou desimportantes para alguns, no entanto toda esse movimento deve ser nossa entrega, nosso óbolo, nossa oferta. É o que temos.

Cabe a nós semear! Jogar e lançar as sementes. Se vamos colher algo é outra história. Cabe a cada um fazer aquilo que dá conta.

É mister nos alimentarmos da Palavra de Deus. Sem ela não podemos ser mais que humanos.

Com ela podemos atingir, tocar e mudar corações!

Somos o que podemos ser e quanto mais cedo entendermos isso melhor seremos naquilo que entregamos pelo Reino que está plasmado nas pessoas que necessitam.

Existem situações que requerem urgentemente a nossa presença! Na luta das mulheres por reconhecimento, respeito e dignidade; nos grupos LGBT's que sofrem com o preconceito e com a violência; nos imigrantes que gritam por acolhida e um lugar seguro e digno na terra que é de todos!

Levamos em nossa bagagem a certeza de que precisamos nos meter de corpo e alma nesse movimento sinodal! Por sermos poucos, necessitamos tornar nossa presença significativa, notória; não precisa ser uma presença marcada pelo ativismo, mas uma presença que “seja de corpo e alma” dentro daquele ambiente; que escute, sinta e acolha.

Levamos a certeza de que os desafios são compartilhados! Muda-se a geografia, os personagens, no entanto as situações, os problemas e o sofrimento da humanidade são bem parecidos!

Levamos a esperança de que as coisas devem e podem caminhar! Que nem tudo está perdido. Que precisamos *primeirar*! Mesmo tendo a noite para caminharmos sabemos que em algum momento o sol chegará. Há noite e há dias! Somos os custódios do amanhecer! Juntos às mulheres da auro-ra retomaremos nosso caminho de missão!

Levamos a certeza dos desafios. Seremos mais eficientes no chamamento vocacional; seremos respeitados em nossa vocação específica dentro das nossas congregações, dentro da Vida Consagrada, da Igreja e da Sociedade. Conquistar nosso lugar como irmãos consagrados numa igreja clerical e sacramentalista. Assumirmos nossa vocação com segurança, orgulho e amor.

Concluimos que devemos ser Comunidades trinitárias. Mostrar ao mundo que nosso lugar é lugar do Deus comunidade e que se faz comunicação.

Comunicar o Ressuscitado!

Reafirmar nossa opção pelos pobres e com os pobres!

Sermos Eucaristia nos altares espalhados pelas diversas realidades sociais que se apresentam no mundo!

## EPÍLOGO POÉTICO

*Bajamos de las montañas  
 Venimos de planicies  
 Caminamos, volamos, conducimos  
 Llegamos.  
 Quito, un poQUITO de Ecuador nos abrazó , nos acogió  
 Hermanos latinos, americanos, caribenos.  
 Hombres, humanos de cuerpos hechos  
 De sangre caliente, de sonrisas, miradas,  
 Caminos y puertas.  
 Hay que vivir, hay que sonreír, hay que luchar.  
 Creo en un Hermano sensible, sencillo  
 Un Hermano atento al otro y a si mismo  
 Un Hermano mas humano y menos divino.  
 Pero, divinamente hombre!  
 Creo y sueño con Hermanos afectivos, abiertos  
 Hortelanos, conectados y influenciadores  
 Que lleven a Jesús.  
 Hermanos fuertes y frágiles, que sepan ser gente!  
 Hermanos que lloren y sintan los dolores del otro.  
 Que sufran con los sufreadores  
 Juguen con los niños  
 Exploten con los adolescentes  
 Trabajen con los adultos  
 Y desaceleren con los ancianos.  
 Que sean artistas!  
 Cuiden del bello, de los colores y den forma a la tierra!  
 Al fin...  
 Seamos simplemente Hermanos y  
 Plenamente humanos.*

Hno. Marcos, cspv

# ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

## A revista

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as.

Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. É desejável que sejam textos inéditos. Caso já tenham sido publicados de forma física ou virtual, pede-se seja informado à redação para avaliação.

Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

## Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, *Paróquia: comunidade de comunidades*, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

*Citações diretas* com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são manti-

das no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

## Modelos de Referências:

*Referências de livros:* SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

*Capítulo de livro:* PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

*Referências de artigos de periódicos:* ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

*Referências em meios eletrônicos:* FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html) Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

**Resumo:** Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

**Identificação do autor:** Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); formação acadêmica; atividade desenvolvida no momento; endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

*E-mail para envio dos artigos:* [publicacoes@crbnacional.org.br](mailto:publicacoes@crbnacional.org.br)



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)  
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL  
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE  
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



## ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: [convergencia@crbnacional.org](mailto:convergencia@crbnacional.org)  
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: [www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)

Nome completo: .....  
Congregação: .....  
Endereço: .....  
CEP (código postal): ..... Cidade: ..... UF: ..... País: .....  
Nova assinatura ( ) Renovação ( )  
Telefone: ( ) ..... E-mail: .....  
Forma de pagamento:  
Efetivo ( ) Depósito Bancário ( ) Agência: ..... C/C: .....

### Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br))
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional ([convergencia@crbnacional.org.br](mailto:convergencia@crbnacional.org.br)).